



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS**

**FACULDADE DE EDUCAÇÃO**

**KAJI WAURÁ**

**Cosmogonia e perspectivas culturais do povo Wauja do Alto Xingu (MT)**

**CAMPINAS**

**2025**

**KAJI WAURÁ**

**Cosmogonia e perspectivas culturais do povo Wauja do Alto Xingu (MT)**

*Dissertação apresentada à Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas como parte dos requisitos exigidos para a obtenção do título de Mestre em Educação na Área de Educação.*

Orientador: Prof. Dr. Arnaldo Pinto Júnior  
ESTE TRABALHO CORRESPONDE À  
VERSÃO FINAL DA DISSERTAÇÃO  
DEFENDIDA PELO ALUNO KAJI  
WAURÁ E ORIENTADA PELO PROF.  
DR. ARNALDO PINTO JÚNIOR.

**CAMPINAS**

**2025**

Ficha catalográfica  
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP)  
Biblioteca da Faculdade de Educação  
Gustavo Lebre de Marco - CRB 8/7977

W358c Waurá, Kaji, 1974-  
Cosmogonia e perspectivas culturais do povo Wauja do Alto Xingu (MT) /  
Kaji Waurá. – Campinas, SP : [s.n.], 2025.

Orientador: Arnaldo Pinto Junior.  
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas  
(UNICAMP), Faculdade de Educação.

1. Cosmogonia. 2. Cultura. 3. Povo Wauja. I. Pinto Junior, Arnaldo. II.  
Universidade Estadual de Campinas (UNICAMP). Faculdade de Educação.  
III. Título.

Informações complementares

**Título em outro idioma:** Cosmogony and cultural perspectives of the Wauja people of  
Alto Xingu (MT)

**Palavras-chave em inglês:**

Cosmogony

Culture

Wauja people

**Área de concentração:** Educação

**Titulação:** Mestre em Educação

**Banca examinadora:**

Arnaldo Pinto Junior [Orientador]

Maria do Carmo Martins

Giovani José da Silva

**Data de defesa:** 29-04-2025

**Programa de Pós-Graduação:** Educação

**Objetivos de Desenvolvimento Sustentável (ODS)**

Não se aplica

**Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)**

- ORCID do autor: <https://orcid.org/0009-0008-5338-3304>

- Currículo Lattes do autor: <http://lattes.cnpq.br/3809160047953463>

Prof. Dr. Arnaldo Pinto Júnior  
Prof. Dr. Giovani José da Silva  
Profa. Dra. Maria do Carmo Martins

A Ata da Defesa com as respectivas assinaturas dos membros encontra-se no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertação/Tese e na Secretaria do Programa da Unidade.

Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo. Todos nós sabemos alguma coisa. Todos nós ignoramos alguma coisa. Por isso aprendemos sempre.

Paulo Freire

Para minha mãe, Makalu Waurá, e para  
meu filho, Yamayawa Januário Custena  
Waurá.

## AGRADECIMENTOS

O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Brasil (CAPES) - Código de Financiamento 001.

Ao professor Arnaldo Pinto Junior que me recebeu na Unicamp e ajudou minha trajetória na instituição com muita generosidade.

Ao professor Giovani José da Silva e à professora Maria do Carmo Martins, pelos apontamentos e contribuições nas bancas de qualificação e defesa.

Aos meus irmãos, Atapuchá Waurá, Ulawato Waurá, Akari Waurá, meu cunhado Awapataku Waurá e meu tio Awaulukuma Waurá, por ter disponibilizado de me ajudar na minha pesquisa.

A todos os integrantes do povo Waurá de 8 aldeias, que participaram desta pesquisa.

Ao apoio da comunidade, que me convidou para atuar na sala de aula como professor.

Às arqueólogas Gabriele, Patrícia e Mafalda que escreveram os textos da mitologia em língua portuguesa, o que colaborou com a minha pesquisa na Faculdade de Educação da Unicamp.

A Kamalá Waurá, Awaulukumã Waurá, Akari Waurá e Awapatakú Waurá, que atuaram na história da mitologia.

A Tamuwã Waurá e Ayakanukala Waurá, que pesquisaram os anciões e anciãs.

A Mayukute Apalawatuwa Tuhu Waurá, Karatsipa Waura, Asariku Waurá, Pirata Waurá, Tirawa Waurá, Amutu Waura, Mayawakai Waurá, Wajamani Waurá, Kuyakuyali Waurá, que escreveram narrativa na língua materna e que contribuíram na pesquisa.

Aos artistas Mawanayá Waurá, Atakuma Waurá, Arakuní Waurá, Kapulupi Waurá, Kamaní Waurá, Puyaitsi Waura, Kuchama Waurá, que desenharem os personagens da mitologia e contribuíram com a pesquisa.

À colega do Grupo de Pesquisa Memória, Taís Temporim de Almeida, pelo apoio fundamental em todas as fases do meu mestrado.

## **RESUMO**

Resultado de uma trajetória acadêmica iniciada entre 2006 e 2010, no curso de Normal em Nível Médio de formação de professores indígenas para o magistério intercultural da Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat), e que chega até o Programa de Pós-graduação em Educação (PPGE) da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), este trabalho atravessa aspectos cosmogônicos e simbólicos de perspectivas culturais experienciadas e vivenciadas em conjunto pelo povo Wauja do Alto Xingu, Mato Grosso. Por meio de relatos de experiência – ligados à minha autoria –, acervos e memórias registradas sobre o povo Wauja, acesso os saberes ancestrais, presentes na oralidade de nosso povo. Pensando em promover reflexões, debates e divulgação sobre a cultura, a história e a memória, as informações aqui compiladas dizem respeito ao meu contato com a ancestralidade Wauja, que marcam as aldeias das comunidades a partir de diálogos estabelecidos com os anciões e demais membros, bem como pelas mobilizações de saberes evocados nas salas de aula onde atuei enquanto docente junto às novas gerações dessa etnia. Desse modo, a organização desta pesquisa reúne referencial bibliográfico do qual me aproximei ao longo de toda minha formação, relatos de experiências essenciais para contextualização de meu ponto de partida, assim como de ilustrações ligadas à cosmogonia Wauja elaboradas por diversos membros das 8 comunidades desse povo e dão cor aos fatos aqui elencados.

## **PALAVRAS-CHAVE**

Cosmogonia. Cultura. Povo Wauja.

## **ABSTRACT**

The result of an academic trajectory that began between 2006 and 2010, in the High School Normal Course for the training of indigenous teachers for intercultural teaching at the State University of Mato Grosso (Unemat), and which continued through the Postgraduate Program in Education (PPGE) of the School of Education at the State University of Campinas (Unicamp), this work examines cosmogonic and symbolic aspects of cultural perspectives experienced and lived together by the Wauja people of the Upper Xingu, in Mato Grosso. Through experience reports, linked to my authorship, and collections and memories previously gathered by other researchers dedicated to the Wauja people, I access the ancestral knowledge, present in the oral tradition of our people, and bring it together in this dissertation. As a tool for reflection, debate and dissemination about our culture, history and memory, the information compiled here concerns my contact with the Wauja ancestry that marks the villages of the communities, based on dialogues established with the elders and other members of them, as well as through the mobilization of knowledge evoked in the classrooms where I worked as a teacher with the new generations of this ethnic group. Thus, the organization of this research brings together bibliographic references that I approached throughout my training and that make sense to this work, especially in the areas of History, Anthropology and Education; reports of experiences essential for contextualizing my starting point and return to the classroom of my community, as well as illustrations linked to the Wauja cosmogony created by several members of the 8 communities of this people and give color to the facts listed here.

## **KEYWORDS**

Cosmogony. Culture. Wauja people.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 - Localização das aldeias do povo Wauja - estado de Mato Grosso..	15
Figura 2 - Localização dos municípios das aldeias do povo Wauja. ....	16
Figura 3 - Município de Gaúcha do Norte. ....	22
Figura 4 - Mapa do estado de Mato Grosso. ....	23
Figura 5 - Localização de aldeias na TIX - estado de Mato Grosso. ....	24
Figura 6 - Localização de aldeias na TIX - estado de Mato Grosso . ....	25
Figura 7 - Município de Gaúcha do Norte. ....	26
Figura 8 - Município de Gaúcha do Norte . ....	26
Figura 9 - Município de Paranatinga. ....	27
Figura 10 - Município de Paranatinga. ....	29
Figura 11 - Município de Paranatinga. ....	31
Figura 12 - Município de Nova Ubiratã. ....	32
Figura 13 - Huka-huka na aldeia Piyulaga . ....	34
Figura 14 - Huka-huka na aldeia Piyulaga. ....	35
Figura 15 - Desenho elaborado por Kuchama Waurá (2010). ....	45
Figura 16 - Desenho elaborado por Kaji Waurá (2010). ....	46
Figura 17 - Desenho elaborado por Kaji Waurá (2010). ....	47
Figura 18 - Desenho elaborado por Kaji Waurá (2010). ....	48
Figura 19 - Desenho elaborado por Kaji Waurá (2010). ....	49
Figura 20 - Desenho elaborado por Kuchama Waurá (2010). ....	50
Figura 21 - Desenho elaborado por Kaji Waurá (2010). ....	51
Figura 22 - Desenho elaborado por Kuchama Waurá (2010). ....	52
Figura 23 - Desenho elaborado por Kuchama Waurá (2010). ....	52
Figura 24 - Desenho elaborado por Kumesiperiru Waurá (2010). ....	53
Figura 25 - Desenho elaborado por Kastrino Mapu Waurá (2010). ....	54
Figura 26 - Desenho elaborado por Kumesiperiru Waurá (2010). ....	55
Figura 27 - Desenho elaborado por Kuchama Waurá (2010). ....	56
Figura 28 - Desenho elaborado por Kuchama Waurá (2010). ....	57
Figura 29 - Desenho elaborado por Kumesiperiru Waurá (2010). ....	58
Figura 30 - Desenho elaborado por Kastrino Mapu Waurá (2010). ....	59
Figura 31 - Desenho elaborado por Kuchama Waurá (2010). ....	60

Figura 32 - Desenho elaborado por Kuchama Waurá (2010).....	61
Figura 33 - Desenho elaborado por Kuchama Waurá (2010).....	62
Figura 34 - Desenho elaborado por Kuchama Waurá (2010).....	63
Figura 35 - Desenho elaborado por Kuchama Waurá (2010).....	64
Figura 36 - Desenho elaborado por Kuchama Waurá (2010).....	65
Figura 37 - Desenho elaborado por Meixulã Waurá (2010). ....	66
Figura 38 - Desenho elaborado por Akaimdtsary Waurá (2010). ....	67
Figura 39 - Desenho elaborado por Kumesiperiru Waurá (2010).....	68
Figura 40 - Desenho elaborado por Kagapakumalu Waurá (2010). ....	69
Figura 41 - Desenho elaborado por Kaji Waurá (2010).....	70
Figura 42 - Desenho elaborado por Kaji e Yalau Waurá (2010).....	71
Figura 43 - Desenho elaborado por Kumesiperiru Waurá (2010).....	73
Figura 44 - Desenho elaborado por Kuchama Waurá (2010).....	74
Figura 45 - Desenho elaborado por Kaji Waurá (2010).....	75
Figura 46 - Desenho elaborado por Kastrino Mapu Waurá (2010).....	76
Figura 47 - Desenho elaborado por Kuchama Waurá (2016).....	78
Figura 48 - Desenho elaborado por Kuchama Waurá (2016).....	79
Figura 49 - Desenho elaborado por Kuchama Waurá (2016).....	80
Figura 50 - Wíxato.....	81
Figura 51 - Desenho elaborado por Kaji Waurá (2016).....	82
Figura 52 - Desenho elaborado por Kuchama Waurá (2016).....	84

## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ATIX	Associação Terra Indígena do Xingu
EEIEBP	Escola Estadual Indígena de Educação Básica Piyulaga
DSEI-Xingu	Distrito Sanitário Especial Indígena no Xingu
FUNAI	Fundação Nacional dos Povos Indígenas
IPEAX	Instituto de Pesquisa Etnoambiental
ISA	Instituto Socioambiental
NDI	Núcleo de Direitos Indígenas
PIBID	Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência
PIX	Parque Indígena do Xingu
TIX	Terra Indígena do Xingu
Unemat	Universidade do Estado de Mato Grosso
Unicamp	Universidade Estadual de Campinas

## Sumário

<b>Apresentação</b>	<b>14</b>
<b>Parte 1 - Onde vivemos e quem somos</b>	<b>20</b>
<b>Parte 2 - Organização do povo Wauja</b>	<b>33</b>
<b>Parte 3 - Como as histórias são transmitidas para as novas gerações</b>	<b>38</b>
<b>Parte 4 - Cosmogonia e simbolismo cultural do povo Wauja</b>	<b>42</b>
<b>Parte 5 - Mitologia Arakuni e Kamayulalu</b>	<b>78</b>
<b>Considerações finais</b>	<b>86</b>
<b>Referências</b>	<b>87</b>

## Apresentação

Eu, Kaji Waurá<sup>1</sup>, professor e pesquisador<sup>2</sup>, trabalho atualmente na Escola Estadual Indígena de Educação Básica Piyulaga (EEIEBP), localizada na aldeia Piyulaga, aldeia central do povo Wauja do Alto Xingu.

Somos o povo da etnia Wauja, falante da família tronco linguístico Aruwak (Instituto Socioambiental, 2011; Postigo, 2014; Waurá, 2022) do Alto Xingu, que fica na margem do Rio Batovi na região do centro Oeste no Estado de Mato Grosso. Nosso povo habita a Terra Indígena do Xingu (TIX), onde vivem sete etnias com línguas diferentes, mas próximos em termos culturais, a exemplo das festas, pinturas, instrumentos, artesanatos e religião.

Segundo pesquisas arqueológicas recentes acerca da chegada de ancestrais Wauja na referida região, a história é bem antiga. Os integrantes do povo Wauja do Alto Xingu distribuem-se pelas aldeias. Do tronco linguístico Aruwak, três povos falantes vivem na TIX: Wauja, Iyehonaku e Yawalapohō.

Preocupado com as práticas culturais das novas gerações do povo Wauja, este trabalho é uma ação de registro para evitar a perda de nossas memórias e de nossos costumes.

O povo Wauja, em sua maioria, mora no Alto e Médio Xingu. As aldeias do povo Wauja são as seguintes: Piyulaga, Ulupuwene e Batovi (no município de Gaúcha do Norte), Piyulewene no Médio Xingu (no município de Feliz Natal), Kiyagaluwá no Médio Xingu (no município de Nova Ubiratã), Topepeweké, Awá e Álamu (localizada no município de Paranatinga). No presente momento, as

---

<sup>1</sup> A composição desta dissertação é orientada por uma lógica de produção interpretativa vinculada a um professor-pesquisador-estudante de gênero masculino. Com isso, as observações, reflexões, mentalidades e proposições analíticas aqui delineadas acompanham tal perspectiva em sua produção. Enquanto uma textualidade marcada por tal especificidade, convém estender aos leitores deste trabalho o convite a nos questionarmos sobre quais os lugares de produção, interpretação e experimentação desse *lócus* aqui analisado pelo feminino – podendo representar um novo trabalho a outros segmentos da etnia Wauja, com igualmente preciosas contribuições.

<sup>2</sup> O trabalho desenvolvido nesta dissertação é promovido em movimentos intelectuais vinculados à trajetória de um professor-pesquisador-estudante bilíngue, que transita entre sua língua nativa (waurá, que pertence à família linguística Arawak) e a língua portuguesa. Invariavelmente, o texto aqui apresentado possui marcas de expressão e oralidade dessa transição bilíngue de um professor-pesquisador-estudante indígena, que vive, pensa e sonha na língua de seu povo, mas constrói esforços de escrita na língua portuguesa. Não obstante, na composição final desta pesquisa, opto pela manutenção de algumas dessas marcas narrativas, assinalando justamente essa transição entre línguas, culturas e formas narrativas, como via de expressar tais esforços, sem apagar uma trajetória trilhada sobre tais particularidades.

oitos aldeias do TIX contam com uma população de aproximadamente 670 pessoas.

Figura 1 - Localização das aldeias do povo Wauja - estado de Mato Grosso.



Fonte: Elaborado pelo autor. *My Maps*. Google Maps (2025).

Figura 2 - Localização dos municípios das aldeias do povo Wauja.



Fonte: Elaborado pelo autor. *My Maps*. Google Maps (2025).

Os anciões e as anciãs contam que as origens do povo Wauja, incluindo suas habilidades com a cerâmica, a cestaria, as pinturas corporais, a cantoria, a dança, a alimentação e as regras, foram aprendidas por meio dos criadores Kuwamutõ, Kamo, Kejo, Kamukuwaká, Xalaxalá Yakuwixekú e Arakuni. Os criadores são grandes personagens na educação e na cultura do povo do Wauja. Por isso, eu preciso realizar este trabalho, registrando no papel para não perder essa memória narrativa dos nossos ancestrais da mitologia do povo Wauja.

O meu principal objetivo nesta pesquisa é registrar a cosmogonia e as perspectivas culturais do povo Wauja. Para isso, eu fiz o levantamento por meio de conversas com anciões e anciãs das aldeias do povo Wauja.

Este trabalho de pesquisa vai ser disponibilizado para ensinar crianças e adolescentes das próximas gerações do povo Wauja, porque os mais velhos estão falecendo e levando seu conhecimento aprendidos com nossos antepassados junto com eles. Nesse sentido, o meu trabalho é para registrar por meio da pesquisa com os anciões que ainda estão vivos, para a preservação dos conhecimentos tradicionais de nosso povo, para fazer parte do acervo bibliográfico das escolas e das comunidades do povo Wauja, nas aldeias

Piyulaga, Ulupuwene, Topepeweké, Awá, Batovi, Álamo, Kiyagaluwá e Piyulewene.

Se não registrarmos por escrito a cosmogonia do Kuwamutō, Kano, Kejo, Xalaxalá, Yakuwixekú, Arakuní e Kamukuwaká, acredito que ela pode vir a desaparecer, o que representaria uma grande perda para a nossa cultura, nosso conhecimento e nossa sabedoria. Isso me preocupa muito, porque os jovens de hoje não estão mais perguntando as histórias para os mais velhos. Para salvaguardar esse conhecimento, temos que entrevistar os anciões e as anciãs que ainda estão vivos nas aldeias. Para preservar os conhecimentos tradicionais ainda existentes de nosso povo, precisamos que os anciões e as anciãs nos contem histórias, costumes e práticas culturais dos nossos antepassados.

Como desdobramento da minha proposta de pesquisa, pretendo incentivar propostas de ensino que envolvam as futuras gerações do povo Wauja por meio da apresentação de vídeos dos anciões e das anciãs contando diferentes histórias nas salas de aula da EEIEBP. Por isso, a pesquisa e este trabalho são muito valiosos ao registrar aspectos culturais do povo Wauja.

O meu interesse por este tema não é recente. Desde o curso de formação de professores indígenas do Xingu – magistério intercultural em nível de ensino médio vinculado ao projeto Haiyô – eu comecei a querer entender melhor o surgimento do meu povo. Concluí o referido curso em dezembro de 2010. Depois disso, entrei no curso de licenciatura em Pedagogia Intercultural na Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat). Durante o meu curso, eu tive a oportunidade de pesquisar vários temas importantes das culturas e das histórias do povo Wauja. A razão é a mesma que mencionei anteriormente: eu estava muito preocupado com a nossa cultura, nossos costumes, nossas crenças e nossa língua materna. Por isso, me interessei em fazer registros da manifestação de nossa resistência para não perder a nossa rica cultura.

Por meio de nossas narrativas podemos fortalecer a educação de nosso povo. Ao aprender com os nossos anciões e as nossas anciãs, as novas gerações terão acesso aos conhecimentos produzidos no passado. Hoje os nossos narradores e as nossas narradoras estão nos deixando e levando junto os seus conhecimentos, fato que pode romper a transmissão de geração a geração. Eles e elas aprenderam com seus familiares, ou seja, pais, mães, avôs

e avós. Assim, eu decidi registrar narrativas do meu povo Wauja para as futuras gerações continuarem transmitindo sua cultura.

A memória baseada nas narrativas dos anciões e das anciãs está desaparecendo de forma acentuada, visto que as novas tecnologias entraram com força na comunidade e interferiram nas nossas práticas culturais. Como exemplo, posso citar o uso do celular e da internet promovendo mudanças no corte de cabelo, a ideia de usar arma de fogo e meios de transporte não indígena. Além disso, morar na cidade e casar com homem branco passou a ser considerado mais importante do que viver na aldeia. A internet e a escola também incentivam o uso da língua portuguesa, deixando nossa língua em segundo lugar.

Mesmo assim, o meu povo está desenvolvendo formas de resistência e praticando a cultura aprendida por meio das narrativas de ancestrais. Pensando em nós que vivemos atualmente, é muito importante ensinar e valorizar aspectos de nossa cultura junto às novas gerações, principalmente para que eles permaneçam em sua comunidade de origem.

Relembrando o tempo da minha formação acadêmica, no ano de 2014 eu recebi uma bolsa do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência (PIBID), para realizar trabalhos que envolviam pesquisas. No mesmo ano eu focalizei a origem da pintura do povo Wauja. Nesse período eu busquei registrar as pinturas corporais com estudantes e escrever sobre elas. Em 2015 dei continuidade na pesquisa sobre artes e grafismos Wauja, estudando a origem da cerâmica do povo Wauja. No ano seguinte, tratei de saberes matemáticos relacionados à natureza do povo Wauja, os quais tem conexão com grafismos, cestaria, pinturas corporais e a cerâmica.

Entre 2014 e 2016, tive a oportunidade de estudar a história da gruta do Kamukwaká, um lugar sagrado da cultura Wauja. Esta gruta tem grafismos rupestres que estão na origem da pintura corporal, cestaria e cerâmica Wauja, guardando vestígios da história do povo Wauja. Eu fiz pesquisa junto aos anciões e anciãs da nossa comunidade para registrar a história deste grande herói da cultura. Kamukwaká foi o primeiro grande chefe dos povos alto Xinguanos, que ensinou o rito de iniciação das jovens lideranças, o ritual de furção de orelha. Outro grande herói ligado a esse conhecimento de liderança alto Xinguanos é o Yakuwixeku. Essas histórias são muito importantes para a nossa cultura, por isso

eu decidi convidar outros professores indígenas para colaborar na produção de um livro com as histórias de Kamukuwaká e Yakuwixeku.

Esse livro está sendo elaborado, mas ainda é preciso fazer muita pesquisa junto aos mais velhos para registrar toda as histórias e os significados das gravuras rupestres que existem na gruta do Kamukuwaká para nosso povo e sua ligação com os grafismos e artes tradicionais. Também ainda é preciso mapear outros locais no rio Batovi, que fazem parte da história.

Voltando ao escopo deste trabalho, registro que se trata de uma produção coletiva, ideia fundamental para o nosso povo. Com o ajuda de diversas pessoas, escrevi a dissertação trazendo narrativas da cosmogonia e perspectivas da cultura Wauja. Os textos escritos, os desenhos e as fotografias apresentados são resultados de anos de estudo, mas principalmente da colaboração de muitas pessoas que me ajudaram a pesquisar nossas histórias e memórias.

Por isso, acredito que o trabalho vai servir para ensinar as crianças e deve ser fonte de pesquisa para as próximas gerações, uma vez que as pessoas mais velhas estão falecendo. Nesse sentido, meu trabalho deve auxiliar a produção de registros e fazer parte do acervo bibliográfico das escolas e da comunidade do povo Wauja de todas as nossas aldeias.

Esta dissertação foi organizada em cinco partes. A primeira parte trata da localização e identificação do povo Wauja, destacando as aldeias e seus fundadores. A partir daí, apresento aspectos da cosmogonia e perspectivas culturais do meu povo, dialogando principalmente com os mitos narrados pelo pajé Awatapaku Waurá e as obras de referência. Na segunda parte escrevo sobre a organização do povo Wauja, a aproximação com outros povos e a ocupação das terras. Na terceira parte aponto as formas de transmissão das histórias e mitos para as novas gerações, além de lembrar a importância da educação para a preservação da nossa cultura. Na quarta parte seleciono narrativas importantes para os Wauja: o nosso surgimento e o surgimento do dia e da noite. Na quinta parte reconto a mitologia de Arakuni e Kamayalalu para contar a história do desenvolvimento da arte e da técnica da matemática para a confecção de cestos pelo meu povo.

## Parte 1

### Onde vivemos e quem somos<sup>3</sup>

Somos o povo Wauja, falante da família tronco linguístico Aruwak. Vivemos no TIX, próximo aos rios Batovi e Von Den Steinen. Antes de 1988, nós morávamos na aldeia Piyulaga, que onde meu avô Ahula Waurá era o grande cacique e tinha o plano de construir uma nova aldeia própria para a sua família. Na margem do rio Batovi era a antiga aldeia Kutanapu, conhecido como Custenau. O povo extinto era do meu bisavô e o nome da aldeia era Wetsiulu.

Por isso, ele queria recuperar a aldeia antiga do povo que deixou de existir. Outro motivo era que não conseguia colher a produção e a família passava necessidade. Sem a sustentabilidade cotidiana, todos os anos trabalhava e produzia pouco, nunca conseguia bom resultado do plantio. A terra era fértil, mas o problema era feitiçaria, que atrapalhava a produção dele. Somente conseguiria melhores resultados quando uma nova terra fosse ocupada. A ideia era formar uma nova fazenda e assim conseguir algum produto para sustentar a sua família.

Sua família era muito grande. Por isso, algumas pessoas da família ficavam desnutridas e meu avô ficava muito triste. Para evitar essa situação, ele tinha ideia de se mudar e morar sozinho com a família em outro lugar. Antes de se mudar, como ele era cacique o convidaram para uma reunião de Brasília no dia 25 de agosto de 1988. Nessa viagem ele foi contaminado com vírus de catapora. Após seu retorno, ele apresentou sintoma na aldeia e em uma semana acaba falecendo. As suas palavras antes de morrer foram guardadas pela filha (Pere Yalaki Waurá) e pelo genro (Awapataku Waurá). Mesmo sendo analfabetos, eles conseguiram guardar as palavras do pai e sogro: não deixar o plano de construir a nova aldeia naquele local. Os planos do meu avô deveria ser passado para seus netos por Pere Yalaki e Awapataku, que deveriam realizar esse sonho para garantir a segurança alimentar da família e não passar as necessidades vividas anteriormente. Meu avô pediu para não esquecer dele, pois também estaria junto com a gente.

---

<sup>3</sup> Esta parte da dissertação foi escrita pelo autor a partir das histórias contadas pelo pajé Awatapaku Waurá. Também contribuiu na elaboração do texto o Agente Indígena de Saúde (AIS) chamado Tukupé.

Em 1990, Awapataku saiu da aldeia Piyulaga com destino a aldeia Wetsiulu para cumprir a palavra do sogro Ahula. Em Wetsiulu avaliou que não daria certo porque não tinha acesso fácil. Continuou a viagem, atravessou para outro lado da margem do rio Batovi e abriu uma roça no lugar chamada de Alaitxune. Ficamos por lá até 1995, a aldeia estava se formando. Um dos filhos do Ahula se chama Atapucha Waurá (que é servidor da FUNAI) recebeu a notícia da aldeia que estava afastada do rio Batovi. O acesso era apenas por um córrego no tempo cheio, quando era bom para navegar. No tempo seco o acesso era difícil de navegar.

Quando Atapucha teve férias, foi visitar a família na aldeia. Lá se reuniu com seu cunhado e sua irmã: a pauta da reunião era transferência imediata para outro lugar porque o acesso estava muito difícil. Atapucha previa que futuro da aldeia não era bom, pois esse lugar dificultava o trabalho da equipe de saúde. Para chegar na aldeia levaria um dia empurrando o barco; se surgisse uma emergência de saúde, a pessoa morreria no meio do caminho.

Ele sugeriu um local alternativo: mudar para a margem do rio Von Den Steinen, alegando que teve contato com o senhor Amutuwá Waurá, irmão adotivo de Ahula, que apontou um lugar bom para morar na região dele. Amutuwá ainda se disponibilizou a apoiar. Com essas informações, a família entrou em acordo e deixou a mudança para o ano seguinte. Em março 1996, viemos da aldeia Piyulaga pegamos o trator até no Posto Leonardo. Navegamos no rio Tuwatuwari, que deságua no rio Xingu, descemos o Morená, subimos o rio Ronuro até chegar ao rio Von Den Steinen. Começamos a procurar a terra preta, achamos e acampamos por lá.

Fizemos roça com a ajuda do motoqueiro Adelair. Ele derrubou a mata e em quinze dias ficou pronto. Depois voltamos para aldeia Piyulaga. Quando chegou no tempo de queimada, nos não tínhamos condições de abastecer o motor. Por isso não queimamos a roça e pedimos para o pessoal da aldeia Stein queimar naquele ano devido falta de combustível. Adiamos para ano seguinte a limpeza, plantio e construção da casa. Em 1997 conseguimos abrir nossa aldeia. Limpamos, plantamos e construímos casas provisórias. Era feito barraco de lona preta e voltamos novamente para aldeia Piyulaga. Esperamos o próximo ano e retornamos novamente para morar, só que porcos atacaram a roça e a plantação de mandioca ficou pela metade. Começamos a passar fome. Além

disso, a mulher do Awapataku estava grávida. Com todas essa situação, voltamos para a aldeia Piyulaga apenas seis meses depois de construir as casas.

No dia 8 de fevereiro de 1999 nasceu Kastrino Mapu Waurá, filho caçula de Awapataku. Em maio do mesmo ano ele voltou para esta aldeia, que chamava Reunido. E Wapijana no final resolvemos denominar esta aldeia Aruak.

Nome de tronco linguístico Aruwak e tinha apelido de Fazenda do Atapuchá. Os primeiros moradores da aldeia Aruak foram Awapataku Waurá e Pere Yalaki Waurá, juntamente com seus filhos Tukupé, Agamakumalu, Yakuwipu, Walakuwitsu, Meixulã, kumesi-Periru. Entre os anos de 2000 e 2003 chegaram mais famílias e a população aumentou para 35 pessoas. O processo de reconhecimento da aldeia teve como marco a instalação de uma escola para associar o conhecimento do nosso povo ao não índio. Pedimos na Prefeitura de Feliz Natal e na Secretaria de Educação a remuneração dos professores e a construção da nova escola junto com o professor Siavam Kaiabi. Só ele tinha acesso na Prefeitura. Assim nos conseguimos conquistar a Escola Municipal Indígena Aruwak no dia 18 de maio de 2005, em homenagem a primeira aldeia que deixamos no outro lado do rio, 5 quilômetros para baixo.

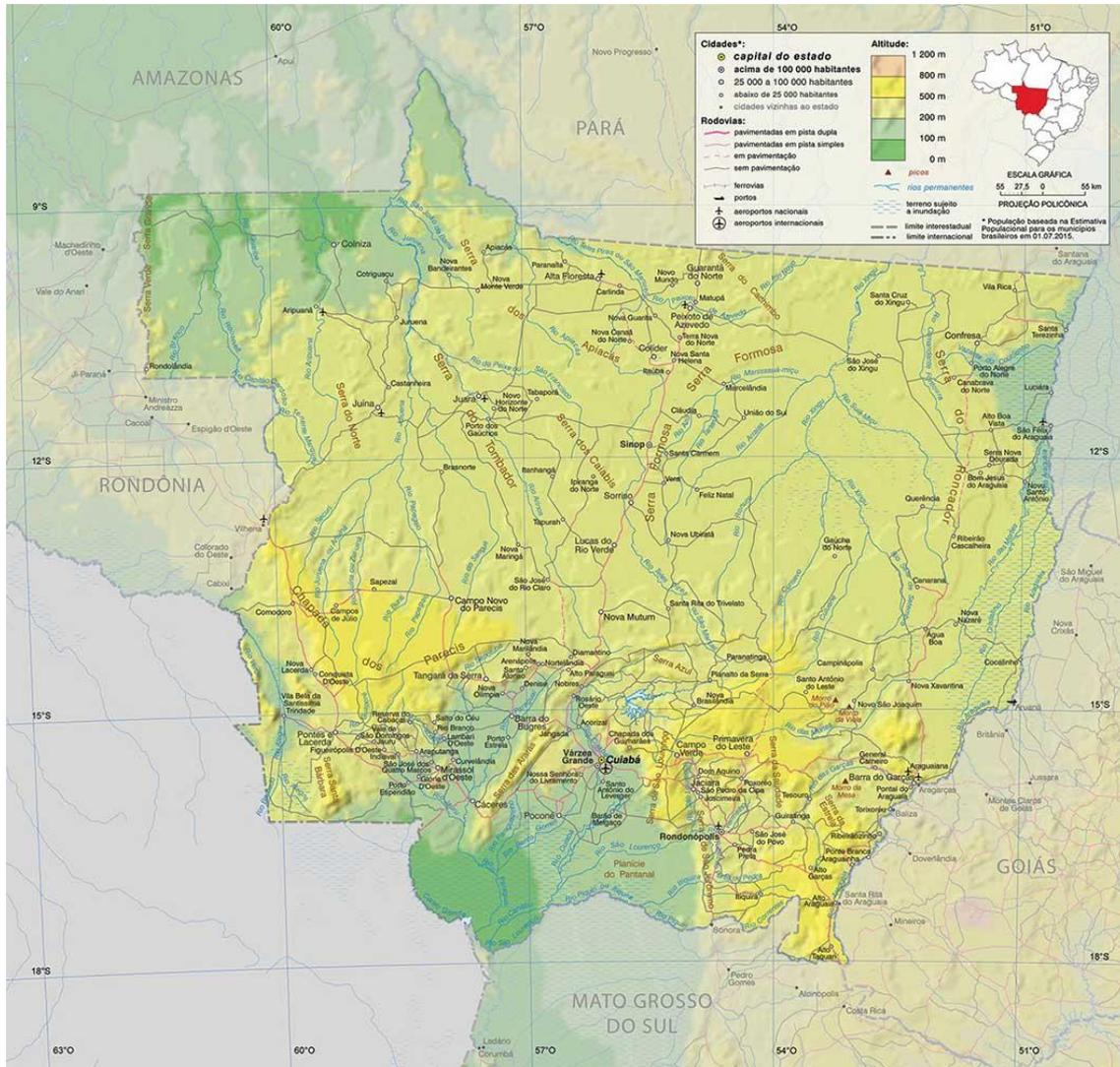
Figura 3 - Município de Gaúcha do Norte.



Fonte: Registrada pelo professor Piratá Waurá (2021).

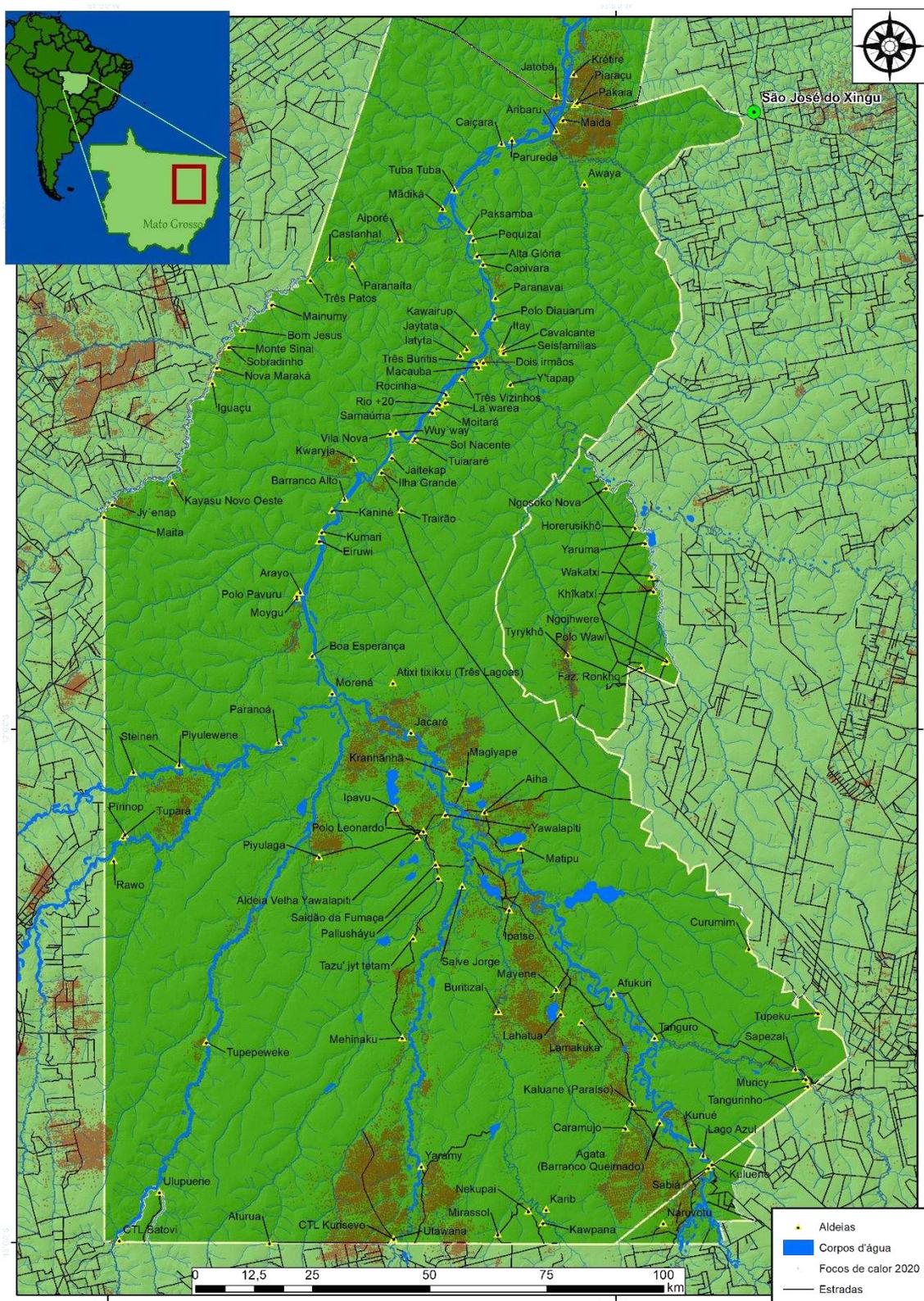
Aldeia central do povo Wauja, Piyulaga tem uma população de aproximadamente 340 pessoas. Construída a partir de 1963, teve como grande cacique e pajé Walakuyawá.

Figura 4 - Mapa do estado de Mato Grosso.



Fonte: Atlas Escolar do IBGE (2025).

Figura 5 - Localização de aldeias na TIX - estado de Mato Grosso.



Fonte: Instituto Socioambiental (2020).

Figura 6 - Localização de aldeias na TIX - estado de Mato Grosso.



Fonte: Google Maps com edição de Kaji Waurá e Emiliene Ireland (2024).

A aldeia Ulupuwene foi construída a partir de 1997, chefiada pelo grande pajé Awapataku Waurá, tem 164 pessoas.

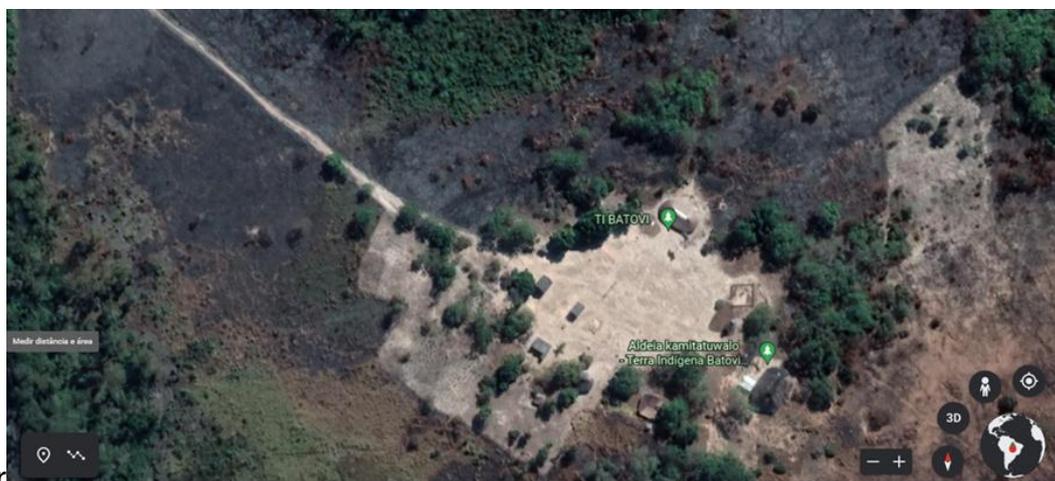
Figura 7 - Município de Gaúcha do Norte.



Fonte: Registrada por Auriká Waurá e Leo Kha Waurá (2021).

A aldeia Batovi do Alto Xingu, foi construída em 2005 e tem 13 pessoas.

Figura 8 - Município de Gaúcha do Norte.



Fonte: Google Maps com edição de Kaji Waurá (2020).

Figura 9 - Município de Paranatinga.



Fonte: Registrada por Henrique Santian (2021).

Aldeia nova do povo Waurá, Topepeweke foi fundada em 15 de junho de 2013 por Ulawakato Waurá e seus irmãos, filhos do senhor Ahula Waurá, grande trabalhador, cantor e pajé de salva vida, e da senhora Ayuwelu Waurá e grande ceramista. Atualmente a população da aldeia conta com 39 pessoas.

A aldeia Topepeweke foi fundada para ampliar a produção da roça e garantir o alimento tradicional do povo do Alto Xingu, o que acaba valorizando a cultura de nossos antepassados, produtores de alimentos. Assim, pretendemos ajudar as crianças, idosos e jovens lembrando como trabalhar na terra, porque atualmente não temos mais aquela quantidade e aquela qualidade dos alimentos tradicionais que existiam. No período da chuva, as comunidades encontram

dificuldade para sustentar seus integrantes. Por isso, nós temos que fazer a produção crescer para alimentar as famílias na época da chuva. Também ajudaremos fornecer os alimentos para comunidade Piyulaga, Kamaiura, Yawalapiti, aldeia velha, CTL Leoanardo Villas Boas, Ulupuwene, CTL Batovi, além de forneceremos alimentos para as associações indígenas e as escolas indígenas que pertencem a aldeia Topepeweke.

Nós vamos registrar todas as atividades para depois mostrar aos nossos parentes e vizinhos. Esperamos que eles se inspirem no nosso trabalho. As comunidades da aldeia Topepeweke são umas das 16 etnias que habitam o Parque Indígena do Xingu (PIX) e moramos unidos. Nossa aldeia foi fundada há 12 anos e aqui moram 19 pessoas de 2 famílias. Nossa organização espacial segue o padrão xinguano, com uma casa central e as restantes organizadas em círculo ao redor da central.

As roças de subsistência são principalmente de mandioca, banana, milho, pequi, pimentas e o sal de aguapé. Também são de grande importância na nossa alimentação o peixe e alguns animais silvestres. Outra forma de produção econômica dos Wauja é o artesanato, principalmente a cerâmica e a cestaria.

A cerâmica para nós não é só uma forma de ganhar dinheiro. Ela tem grande importância no nosso cotidiano, pois é um símbolo do povo Wauja, como também são nossas festas e rituais. Precisamos ajudar a comunidade juntamente com Associação Tulukai e a escola porque as famílias não produzem mais alimentos na roça como nossos antepassados produziam. O sustento das famílias atualmente depende de outras formas de produção econômica.

A comunidade não produz mais plantas comestíveis que existiam anteriormente porque a terra preta está ficando longe. Por esse motivo, abrimos uma roça mais distante da aldeia para resgatarmos seus produtos e recuperar alimentos tradicionais do povo Wauja que eram consumidos antigamente. Também vamos contribuir com os nossos vizinhos, porque as populações estão cada vez mais aumentando e precisam de alimentação para sobreviver no cotidiano.

A produção de alimentos e as festas fazem parte da nossa cultura. Estamos perdendo o costume de se alimentar com nossos produtos tradicionais. Estamos, cada vez mais, comendo produtos de fora e isso tem causado problemas de saúde em muitas pessoas. Levantamos muitas coisas que estão

acontecendo, a exemplo da diminuição do consumo de peixe, da caça e, principalmente, produtos da roça. Nós queremos recuperar a produção de alimentos tradicionais para melhorar as condições de saúde das comunidades. Perdemos nossos produtos da roça, mas poderemos voltar a plantar grande variedade de alimentos, trazendo alegria e saúde para toda a comunidade.

Com o aumento da produção de alimentos, estamos atendendo as necessidades das famílias, recuperando a comida tradicional, ajudando a merenda dos estudantes da escola, a realização de eventos (oficinas, reuniões etc.), além de diminuir a compra de alimentos da cidade. Por outro lado, teremos alimentos mais saudáveis para nossas famílias e para todas as pessoas envolvidas pelo projeto para garantir a segurança alimentar as futuras gerações do povo Wauja.

Por isso, solicitamos reconhecimento da nossa aldeia Topepeweke para o Distrito Sanitário Especial Indígena no Xingu (DSEI-Xingu), o Instituto Socioambiental (ISA), o Instituto de Pesquisa Etnoambiental (IPEAX), a Associação Terra Indígena do Xingu (ATIX) e a Fundação Nacional dos Povos Indígenas (FUNAI).

Figura 10 - Município de Paranatinga.



Fonte: Registrada por Sakalu Shinoda Wakalakitsí Waurá (2020).

Fundada em 2020 por Aulahu Waurá, filho de Itsautaku Waurá e Masasalu Waurá, a aldeia Tsekuru tem 31 pessoas. Ela é mais uma das novas aldeias do povo Wauja, localizada no rio Batovi, município de Paranatinga (MT). Aulahu Waurá é pai de dezessete filhos. Pensando no crescimento da sua família, ele não tinha como sustentar todas as pessoas onde morava. Foi assim que surgiu a ideia, abrir uma nova aldeia pousada. Nesse lugar, ele e as demais pessoas tem melhores condições de vida, além de fazer um ponto de turismo ecológico, grande sonho do fundador da aldeia.

Para além do objetivo de fazer da aldeia um ponto de turismo ecológico, a plantação de mandioca, pequi, melancia, banana, milho etc. gera alimentos para todo o grupo. O trabalhar com a criação de peixe, porco e as galinhas complementa a produção da aldeia. O excedente da produção é vendido na cidade e para outras aldeias do Xingu. A comunidade Waura da aldeia Tsekuru pensa em ajudar a aldeia principal do povo com dinheiro conseguido por meio de seu trabalho.

Em se tratando da atividade turismo, a aldeia ainda tem dificuldade de receber viajantes. Transporte terrestre ainda não tem por falta da estrada. Por enquanto, somente tem transporte fluvial para essa aldeia. Mas o senhor Aulahu Waurá está lutando para abrir a estrada e facilitar a locomoção até a cidade. Hoje, para sair da aldeia, fazer comprar mercadorias na cidade e abastecer as famílias, tem que subir pelo rio Batovi até no Porto Batovi, em uma viagem que leva 2 horas e gasta 30 litros de gasolina. Do Porto Batovi, ainda tem que pegar frete para ir à cidade. Mesmo com todas as dificuldades, Aulahu Waurá está morando nessa aldeia e está feliz nesse lugar maravilhoso.

Figura 11 - Município de Paranatinga.



Fonte: Registrada por Arikutuwá Waurá (2021).

A pequena aldeia familiar Alamo foi fundada no ano 2020 por Apahú Waurá, filho de Muno Waurá e Yatamalu Waurá. Hoje a aldeia conta com 32 moradores. Essa aldeia é mais uma do grupo de novas aldeias Wauja. Ela está localizada no município de Paranatinga (MT), no limite norte do TIX. Apahú Waurá é neto do cacique Walakuyawá Waurá, fundador da aldeia Piyulaga, aldeia central do povo Wauja.

A fundação da aldeia responde a uma solicitação de representantes da comunidade Wauja, que se organizou para apoiar Apahu Waurá na abertura da aldeia no limite norte do TIX. A aldeia conta com 21 famílias, tendo por principal objetivo ocupar aquela região e proteger o território indígena da invasão dos madeireiros e os fazendeiros. Com apoio do cacique e liderança da aldeia Piyulaga, as futuras lideranças da aldeia Alamo solicitaram apoio da FUNAI, ATIX, ISA, DSEI-Xingu para sua instalação, se comprometendo a trabalhar como voluntários na fiscalização e monitoramento do limite do território indígena naquela região de alto risco de invasão e uso indevido dos recursos naturais protegidos pelo Estado brasileiro.

Segundo diversas de testemunhas, no ano de 2020, em plena pandemia, foram observados os seguintes impactos naquela região do TIX:

- Retirada de madeira, especialmente durante a noite e madrugada;

- Queimadas sem controle;
- Entrada de pessoas não-indígenas nas terras indígenas com a intenção de realizar caça ilegal de animais silvestres.

Por esses motivos, o povo Wauja acredita que essa aldeia é necessária e muito importante na referida região, cuidando para que nosso território seja respeitado e nosso patrimônio ecológico preservado. Com essa preocupação, o povo Wauja solicita apoio dos parceiros para atender as demandas desse grupo composto por 21 famílias, representadas por Apahu Waurá e demais lideranças da aldeia. Prestar apoio para o desenvolvimento da aldeia Alamo, terra de nossos ancestrais que sempre protegeram a natureza, é uma luta de todos os povos indígenas e de toda a população brasileira.

A aldeia familiar Kiyagaluwá foi fundada em 2020 por Takapé Waurá, filho de Ahula Waurá, e conta com tem 34 populações.

Figura 12 - Município de Nova Ubiratã.



Fonte: Registrada por Kumesi Waurá (2022).

## Parte 2

### Organização do povo Wauja<sup>4</sup>

Com o passar do tempo, aconteceu a ocupação do território do Brasil, quando ocorreu a aproximação entre os Wauja e os outros povos: Muteitsí, Kamaiurá e Suyá, povo violento. Quando o povo Suyá encontrou o povo Wauja aconteceu uma violenta guerra, que acabou com a morte do grande cacique dos Wauja. Depois disso, os Wauja resolveram sair do local para fugirem da guerra com os Suyá. A fuga foi para a região do Kurisevo, numa aldeia chamada Utawana (córrego). Outro grupo dos Wauja foi morar na aldeia Arakuru (nome de uma lagoa), que atualmente é uma aldeia dos Kuikuro.

Nesta região acabaram morando alguns anos. No decorrer do tempo, os Wauja resolveram se juntar na aldeia Munupiyá, novamente na lagoa Awá, atualmente aldeia do povo Kamaiurá. Até que um dia, o povo Apogapa apareceu na base Jacaré, onde acamparam, também fugindo da guerra com os Suyá, Juruna, Kayapó e Kayabi. Quando chegaram neste local, um cacique foi pescar e encontrou o lugar cheio de pequenas malocas. Quando eles viram o cacique, começaram a gritar o grito de guerra, mas o cacique não ficou com medo e seguiu em direção ao porto deles.

O cacique Wauja cumprimentou o povo e pediu para eles se acalmarem, ele queria falar com chefe deles. Usando a sua flecha ao contrário, com a ponta para trás, caminhou em direção ao chefe sem medo. O sinal de arco e flecha significava sem guerra, só assim ele convenceu o guerreiro dele. Ele começou a falar com eles:

- Olá, tudo bem? De onde vocês estão vindo? Quem é o povo de vocês?

O povo Apogapa respondeu:

- Nós estamos fugindo dos nossos inimigos, porque o nosso povo estava quase se acabando por causa da guerra. Nós somos o povo Apogapa.

- Ah, sim! Nós somos o povo Wauja e nossa aldeia está bem ali, próxima da lagoa Áwá do Xalaxalá.

E assim o chefe guerreiro do Apogapa pediu para seu povo dar presente ao cacique do povo Wauja. O cacique despediu do chefe do Apogapa,

---

<sup>4</sup> Esta parte da dissertação foi escrita pelo autor a partir do mito narrado pelo pajé Awatapaku Waurá.

prometendo que voltaria no dia seguinte para apresentar o povo dele. Só que ele conseguiu observar a fisionomia, estatura e potência de energia deles, imaginando futuramente que pessoas de sua família casariam com os Apogapa para misturar as etnias, para ficarem mais altos e fortes, serem melhores na competição da corrida e na luta de Huka-huka<sup>5</sup>. E também ser defensor deles na guerra contra outro povo, pois o povo Wauja não gosta de tirar a vida de ninguém, não gosta de matar pessoas, muito menos, guerrear. Foi isso que o cacique Towotowokumã pensou na hora que encontrou este povo.

Figura 13 - Huka-huka na aldeia Piyulaga.



Fonte: Registrada por Jean Nunes (2019).

---

<sup>5</sup> A Huka-huka é uma prática ancestral dos povos indígenas do Alto Xingu (MT). É uma forma de luta corporal tradicional, que faz parte de seus rituais. É uma demonstração de força, coragem e habilidade. O nome do conceito remete à sonoridade promovida pelos guerreiros durante a luta. Para saber mais, consultar: A história de Huka-huka. **Ministério da Cultura**. s/d. Disponível em: <https://www.gov.br/cultura/pt-br/assuntos/revista-eletronica-conexao-cultura-e-pensamento/3edicao/HistoriadooHukahuka>. Acesso em: 01 maio 2025.

Figura 14 - Huka-huka na aldeia Piyulaga.



Fonte: Registrada por Jean Nunes (2019).

Quando ele retornou para sua aldeia, no caminho de volta, ele formulou muito bem sua ideia para apresentar ao conhecimento do seu povo, que tinha encontrado os irmãos Muteitsí, que eram índios bravos. Por isso, seria muito bom se juntar com eles. Ele até ganhou presente deles, que foi direto puxar assunto no centro da aldeia para contar que ele ganhou penas de arara vermelha e flecha diferente. Assim ele falou:

- Estou com uma ideia de trazer eles para nossa aldeia e aumentar nossa população.

Ele apresentou a proposta, ou seja, para os Apogapa fazerem parte da família do povo Wauja. Assim, eles resolveram entrar em acordo com seu povo, para ceder 20 casas, incluindo as roças ao redor de cada uma dessas casas. Esses donos que cederam suas casas para os Apogapa foram morar junto com suas famílias. Após o acordo, no dia seguinte eles foram buscar os Apogapa e apresentar a ideia de trazer seu povo para viver na aldeia dos Wauja.

No outro dia, foram em busca dos Apogapa e, ao encontrá-los, se apresentaram com grito de guerra, ameaçando com flecha.

Assim que eles se cumprimentaram e apresentaram a ideia de viverem juntos a partir daquele momento, os Apogapa pegaram suas coisas e foram embora com os Wauja para a aldeia Munupiyá.

Os Apogapa ficaram morando junto com os Wauja nas 20 casas com as roças que cada dono doou para eles. No decorrer do tempo, os Apogapa se adaptaram a uma nova vida e a cultura dos Wauja. Eles ficaram vivendo bastante tempo na aldeia, período em que o cacique dos Wauja ensinou a eles sobre toda sua vida e regras de convivência de seu povo.

Com os Wauja, durante a convivência, uma senhora foi visitar uma amiga de outra casa dos Apogapa. Chegando lá, ela flagrou eles fazendo churrasco de bebê no almoço. Esse bebê tinha mais ou menos oito meses de vida.

Quando a senhora Wauja entrou na casa da senhora Apogapa, viu que o girau estava cheio de pedaços do bebê. Ela levou um grande susto por ter visto as mãos, os pés e a cabeça da criança no girau. Como não deu tempo de elas esconderem, acabaram escondendo depois. Eles pediram a senhora Waurá para não comentar nada sobre aquilo ao seu povo. Mesmo assim, a senhora saiu contando para todo mundo da aldeia, mas ninguém acreditava nela, até que um dia um grande guerreiro morreu. Eles não choraram, ficaram felizes com a morte dele para ter churrasco humano. Nesse momento, os Wauja confirmaram que eles eram realmente canibais. Então, resolveram denominar os Apogapa de Kamainulá, que nas línguas Aruak significa comedor de gente morta. Como os brancos não conseguiam pronunciar a nossa língua, acabaram escrevendo como Kamaiurá.

Os Wauja começaram a analisar a situação, pensando como poderiam deixar os Apogapa por lá, na aldeia deles. Os Wauja ficaram com muito nojo porque os Apogapa gostavam de comer gente morta<sup>6</sup>.

---

<sup>6</sup> Quando a narrativa que vem sendo apresentada faz menção ao termo “come gente morta”, é necessário pontuar o debate em torno das diferenças conceituais entre a antropofagia e o canibalismo, a fim de não incorrerem em erros interpretativos e/ou manutenção de preconceitos e estereótipos. Mesmo que durante muito tempo houvesse a associação intercambiável entre antropofagia e o canibalismo, em geral nas últimas décadas, vimos desconstruindo tal relação. Com isso, notamos e difundimos que a antropofagia se refere à prática de consumo de carne humana, especialmente em contexto ritualístico ou social, muito atrelado a contextos de religiosidade ancestral. Por sua vez, o canibalismo, por outro lado, é um termo mais amplo que pode incluir a prática de comer carne humana por diversos motivos, como necessidade de sobrevivência, violência, ou mesmo por motivos pessoais.

Depois disso, os Wauja se reuniram novamente e decidiram que mudariam daquele local por algum tempo. Eles acreditavam que, pelo fato dos Apogapa serem canibais, um ia comendo o outro, até ficarem extintos. Depois eles voltariam para sua aldeia Munupiyá.

No outro dia, o povo Wauja marcou uma reunião com o povo Kamaiurá para tratar da mudança deles (Wauja) para outro lugar. O povo Wauja reuniu com o povo Kamaiurá e pediu para eles cuidarem muito bem da aldeia. Alegaram que estava sem peixe na lagoa, justificando o motivo da saída da aldeia para o povo Kamaiurá não ficar magoado e triste.

O cacique dos Wauja combinou com o chefe dos Kamaiurá para cuidarem da lagoa por tempo indeterminado. Os Wauja voltariam a qualquer momento, caso precisassem. O cacique também pediu para o chefe dos Kamaiurá não falar com outras pessoas que a lagoa era dele, se por acaso alguém perguntasse. Nem podia inventar e instalar a sua história por ali, pediu o cacique Wauja que se chamava Towotowokumã e Enekú Waurá, caciques da aldeia Munupiyá. Ele tinha conhecimento do lugar onde ia morar com seu grupo. Assim eles subiram pelo rio Batovi até chegarem no riozinho, onde fica a atual aldeia do povo Wauja. Hoje existem 8 aldeias do povo Wauja: Piyulaga, Piyulewene, Ulupuwene, Batovi, Topepeweké, Áwá, Alamu e Kiyagaluwá.

As aldeias antigas do povo Wauja se chamavam Munupiyá, Yutápoho, Tsariwapoho, Ohokumauto, Kamáyuto, Majupauto, Enutsixauto, Áwápunuto, Makukupoho, Hejetopoho, Munupoho, Tulupiyá, Yaponatowo, Yetowaká, Sapalakúpoho, Apiyawakupoho, Yapixūwī, Měitsiwi e Ukúpoho.

### Parte 3

#### Como as histórias são transmitidas para as novas gerações<sup>7</sup>

As histórias são transmitidas durante a noite, antes de dormir, momento em que a avó, o avô, o pai, a mãe ou o irmão mais sábio conta para as crianças. As histórias transmitidas para os filhos, as filhas, os netos e as netas abordam a motivação, a educação, a formação dos seres humanos e seres vivos do planeta terra.

Em cada casa, antes de dormir, as pessoas começam a contar as histórias. Se não terminam, continua no outro dia. A partir das histórias transmitidas entre as pessoas das famílias, a educação é fortalecida (Waurá, 2022). Depois que as crianças completam 10, 12 ou 15 anos, elas podem acompanhar as histórias de coletivos no centro da aldeia, como se fossem entrar na escola.

A transmissão das histórias acontece somente de forma oral. Não existem versões escritas para o narrador ou a narradora contar para as pessoas mais novas. Os narradores e as narradoras não usam a leitura como na sala de aula. Por esse motivo, nós professores do povo Wauja estamos fazendo pesquisas e escrevendo a narrativa oral na forma escrita, para que futuros leitores tenham registros na língua materna e na língua portuguesa.

Outra história é transmitida coletivamente na casa dos homens, no centro da aldeia, onde as mulheres não podem participar, por motivo de flauta Jacuí sagrada, que nós chamamos de kawoká (Jacuí). Na casa dos homens os adolescentes, os jovens e os adultos aprendem várias informações sobre as regras de educação, as regras de culturas, as regras das histórias de cada festa. Cada história envolve as músicas e rituais. Também é onde nós dançamos, cantamos e olhamos os anciões fazendo. Por isso, é muito importante acompanhar as pessoas que realizam as festas, incluindo a prática das pinturas corporais. Nesses momentos recebemos orientações dos anciões e os caciques relacionadas com a natureza e as mitologias.

Algumas histórias são transmitidas em rodas de conversa no período da noite, a exemplo daqueles que tratam sobre constelações e astronomia do povo Wauja, quando as pessoas podem aprender as regras de cultivos das plantas.

---

<sup>7</sup> Esta parte da dissertação foi escrita pelo autor com a colaboração do pajé Awatapaku Waurá, que narrou alguns mitos do povo Wauja.

Cada planta tem seu espírito de dono, como as plantas de medicinais etc. Por isso, é importante que cada pesquisador leve uma oferenda para narrador; ele sabe que cada história tem espírito. Nós do povo Wauja aprendemos as histórias ouvindo e recontando, aprendemos a dançar olhando, ouvindo e praticando. Ao refletir durante a escrita desta dissertação, o meu entendimento sobre o processo de aprendizagem do próprio povo Wauja foi ampliado. Hoje consigo apontar as diferenças com outros povos, pensar as práticas desenvolvidas, a formação das crenças atuais, tudo isso a partir da pesquisa sobre o cotidiano e a cultura do meu povo.

Por isso, os pesquisadores de currículo escolar estão trabalhando muito na ideia de redes educativas para formar os outros seres humanos. Eles devem dar credibilidade para a sociedade nesse país. Hoje temos muito tecnologia que transmite informações, como as mídias, tv, celular, internet. Também a mesma coisa os grupos de indígenas do Brasil ficaram, os pesquisadores intelectuais indígenas tiveram um trabalho bom para seu povo, para associar com o conhecimento moderno, sobre currículo para as comunidades indígenas. Nesse sentido, é muito importante estudar a mitologia do seu povo, para você conhecer a sua identidade como povo Wauja. Se você não souber a história do seu povo, você nem saberá a sua identidade, qual é seu povo, não vai ter a aldeia para morar, não saberá o seu território, onde você vive, para que vive etc.

Através da mitologia, nós do povo Wauja aprendemos a desenhar no próprio corpo, a exemplo dos grafismos nas pinturas corporais. Também aprendemos a fazer cestaria, usando tintas extraídas de casca de árvores, jenipapo, urucum, óleo de pequi, óleo de copaíba e resina de árvore. No tempo em que não conhecíamos a tinta produzida pelo homem branco, usávamos nossas próprias tintas. Agora a escola entrou na comunidade junto com diversas tecnologias, a exemplo do celular, notebook, lápis de cor, caneta para rabiscar no papel. Por isso, hoje em dia os jovens são mais avançados, podem usar diferentes tecnologias e conhecimentos para viver.

A partir de contatos mais recentes com o homem branco, foram criadas escolas em aldeias indígenas. Os professores começaram a trabalhar de outras formas, mesmo assim a sociedade indígena Wauja ainda segue a forma tradicional.

O que queremos é uma escola diferenciada, com a participação da comunidade e das lideranças, pois sendo assim podemos planejar o calendário anual contemplando as festas e os costumes de nossa cultura.

Dessa forma, a escola indígena deve ser construída com a participação da comunidade. Queremos valorizar nossa cultura, tratar aspectos da vida comunitária, incentivar a aquisição de conhecimentos próprios, das experiências transmitidas pelos anciões e adultos às crianças e jovens através da oralidade. E para a transmissão da cultura, os Wauja utilizam a memória e a repetição para fixação das informações.

Os pais ensinam a respeitar os mais velhos, as formas de comportamento e de participação na comunidade conforme os grupos de idade. Assim, a criança vai se desenvolvendo e conhecendo os princípios e valores da cultura, da tradição, da natureza e aprendendo a língua materna. Se respeita o ritmo da criança, sem barrar seu processo de aprendizagem, seus interesses e motivações em participar das festas e dos ritos do nosso povo.

A escola dentro da aldeia é importante para que os mais novos permaneçam na comunidade e acompanhe a sua cultura, preservando as tradições e língua. Também para evitar que sofram influência da sociedade envolvente e cuidando para que não perca a sua identidade.

A escola indígena Piyulaga tem como objetivo: incentivar o conhecimento próprio, como base de toda ação escolar, resgatar a história antiga da própria etnia e registrá-la através da escrita; defender a própria cultura e respeito às diferenças; garantir os direitos dos povos indígenas; preparar o jovem para se relacionar com a sociedade envolvente e para a vida futura; aprender a ler, escrever e elaborar documentos; aprender a língua para se defender e ter acesso aos conhecimentos universais.

A escola tem que ser integrada a comunidade e trabalhar de forma a complementar o conhecimento intercultural. A organização da escola será de acordo com os interesses da comunidade, num trabalho de parceria, com a colaboração das lideranças, pais e jovens. Os anciões devem participar junto com os professores na parte dos rituais, da história, festas e artesanatos.

As turmas são distribuídas por grupos de idade, constituindo os ciclos de formação e as classes de aceleração da aprendizagem para alunos com defasagem. Os trabalhos são desenvolvidos conforme o calendário indígena

Wauja, produzido pelos professores indígenas de onde são tirados os temas por atividades e blocos interdisciplinares.

O currículo parte dos assuntos vindos da experiência e realidades da comunidade. Começando sempre pelo que a criança já sabe e conhece para ir aprofundando e relacionando na estruturação da língua.

## Parte 4

### Cosmogonia e simbolismo cultural do povo Wauja<sup>8</sup>

Nesta parte da dissertação, apresento um conjunto de narrativas elaboradas ao longo do tempo pelo povo Wauja sobre o seu surgimento no mundo. Contando com a colaboração de muitas pessoas do meu povo, trabalho com textos e desenhos para registrar marcas de nossa cosmogonia e do nosso simbolismo cultural. Conforme apontado no decorrer das páginas seguintes, os desenhos foram produzidos em diferentes épocas. Junto com os textos ressignificados neste momento, desenhos trazem perspectivas das pessoas que os produziram, sempre em diálogo com as histórias contadas pelos Wauja. Não posso deixar de agradecer meus antepassados e minha comunidade por me incentivar e me ajudar nesse estudo. Com trabalhos como este, nosso povo terá mais registros para valorizar e fortalecer a bonita cultura que herdamos.

#### Como surgiu o povo Wauja no mundo

A primeira arara Kajujuto namorou com uma mulher chamada Uwai (jatobá). A arara Kajujuto namorou até engravidar essa mulher, só que ninguém sabia disso, nem a mãe. Assim que a barriga da menina estava crescendo, a mãe perguntou a ela:

- Quem engravidou você, minha filha?

Ela respondeu assim:

- Foi o Aluwa (morcego), Walapá (carvoeiro), Kausepesi (lixreira), Mapiyũ (lixreira) e os animais etc.

---

<sup>8</sup> Esta parte foi escrita a partir de mitos do povo Wauja contados pelo pajé Awatapaku Waurá. Vale destacar que alguns desses mitos também foram registrados nos livros *A gruta sagrada de Kamukuwaká: a preservação de culturas indígenas no Brasil* (Factum Foundation, 2019) e *Memórias de tempos antigos: livro de mitos de povos indígenas do Xingu* (Aweti et al., 2005). Os mitos também foram abordados nos estudos realizados por Amaro (2020), Barcelos Neto (1999; 2004; 2012a; 2012b), Ireland (2001), Mello (1999; 2005), Piedade (2004), Silva (2008), Villas Bôas e Villas Bôas (1974). Nesta dissertação, os mitos contados entre nossos irmãos ou registrados nas referidas produções foram ressignificados pelo autor, que acrescentou desenhos elaborados por integrantes do povo Wauja com a intenção de apresentar outras interpretações e linguagens.

Como ela não revelou o nome do pai da criança, então a mãe e o pai da menina resolveram se juntar ao grupo do pai da criança para festejar, para descobrir quem era o pai. Primeiro o grupo de árvores foi desfilar, só que a criança não ficou animada. Depois os animais foram desfilar, e no último desfile, o grupo dos Aluwa (morcegos) foi ao centro da aldeia para animar a criança, mas a criança ficou muita abalada e agitada, dizendo que o povo dos morcegos era o verdadeiro pai dele.

Só que o bebê estava enganando o povo dos morcegos, pois na verdade, o pai dele era Kajujuto (arara), pois foi ela que engravidou Uwai (Jatobá).

Em tempos outros, não existia dia e noite, nem humanidade, só seres ancestrais, de forma humana e animal. Kamo (Sol) e Kejo (Lua) são os gêmeos nascidos da mulher tronco – filha esculpida na madeira pelo avô Kuwamutō – com a Onça. Por terem nascido do ventre, Kamo e Kejo têm umbigo, ao contrário dos Yerupoho (seres extra-humanos) que não têm umbigo. Porque não se fez sozinho, Kamo não era perfeito, bom e bonito como os Yerupoho. Kamo tem erro, é invejoso e maldoso – como o ser humano – mas é sagaz e curioso. Movido por sua curiosidade, aprende na base da observação e experimentação, como o ser humano.

A história do Kamo inicia-se com o seu nascimento, quando a inveja origina a morte de sua mãe ainda gestante, perpetrada pela sua avó Periru (espécie de mariposa – mãe da Onça). Kamo e seu irmão seriam retirados do ventre materno por Kuwamutō, então responsável pela sua educação.

Sabendo do sucedido com sua mãe, os dois irmãos decidem tentar ressuscitá-la, experimentando de diversas formas até obterem sucesso. Todavia, seu avô Kuwamutō dissuadiu os irmãos de ressuscitar a mãe, uma vez que o ato teria como consequência a sobrepovoação do mundo. Todos os que morreriam poderiam, a partir de então, retornar à vida. Kamo decide honrar a memória de sua mãe e vingá-la, tentando matar os convidados Yerupoho, dentre eles a família de seu pai (felinos, como onças pintadas, pardas, negras e jaguatiricas). Para isso, organiza uma cerimônia funerária que estaria na origem do ritual funerário Wauja, designado de Kaumai, o conhecido Kuwarup. A morte da mãe seria a catalisadora dos sentimentos de vingança e inveja pelos Yerupoho.

A viagem de Kamo tem início no Morená (Aldeia do Kamo), onde os rios Ronuro, Tamitatoala e Culuene se encontram, formando o rio Xingu. Kamo, querendo gerar novas formas de vida e castigar os Yerupoho, cria o ser humano do arco de madeira e flecha de taquara. Surgem, então, os povos xinguanos e os demais seres humanos com suas diferentes culturas.

Habitante do interior dos cupinzeiros e do subterrâneo, a humanidade necessitaria de luz para sobreviver à superfície. Todavia, a luz necessária a alumiar o ser humano é a mesma que erradica os Yerupoho da superfície terrestre. Kamo empreende esforços na invenção do dia, vestindo-se da luz, que roubou do Urubu Rei e lançando-se ao céu, seguido de Kejo. Nascem dia e noite e com eles os Yerupoho são obrigados a se esconder atrás de “roupas”, partilhando a superfície com os humanos, sob a forma de animais, ou habitando as profundezas da terra – as entranhas do solo, a rocha, as profundezas das águas – como seres sobrenaturais visíveis apenas aos olhos do pajé ou do enfermo.

Figura 15 - Desenho elaborado por Kuchama Waurá (2010).



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Depois o criador Kuwamutõ se criou sem presença do pai, foi ele que primeiro existiu na terra no mundo.

Assim que surge o mundo como o entendemos.

### **Como surgiu o dia e a noite**

Assim surgiu o povo Wauja, o criador Kuwamutõ criou-se num buraco de cupim (munu) e a onça também se criou. Nesse período não existia as aldeias,

não existia o dia e noite, só tinha escuridão. Por isso, eles se criaram no buraco. O criador Kuwamutõ trabalhou muito com a criação de humanidade no mundo.

Figura 16 - Desenho elaborado por Kaji Waurá (2010).



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Quando o criador Kuwamutõ sentiu a necessidade do amor, ele pensou a namorar o cupim onde ele se criou. Então, ele resolveu fazer sexo no buraco do cupim porque ele não companheira para viver com ele. Sem companhia, ele decidiu namorar com o cupim.

Depois que ele terminou de namorar, voltou para casa. Quando estava chegando em casa, ele ouviu o choro de uma criança, virou para trás e viu uma menina correndo atrás dele.

Figura 17 - Desenho elaborado por Kaji Waurá (2010).



Fonte: Acervo pessoal do autor.

O criador Kuwamutõ disse:

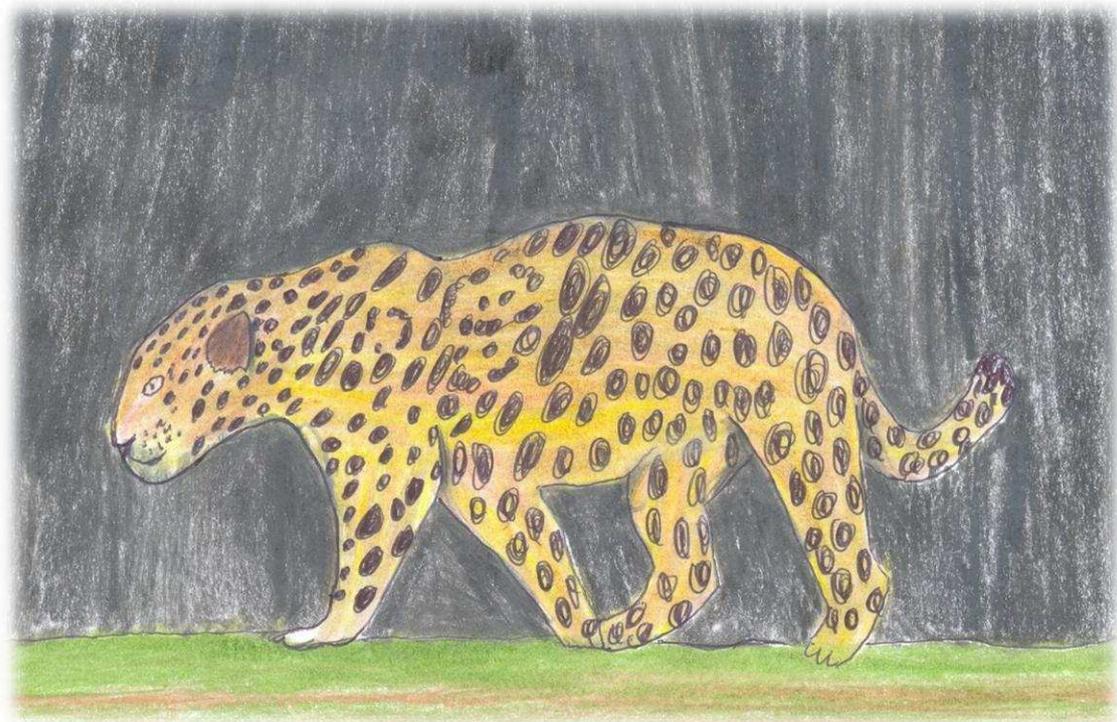
- De onde você veio menina?

Ela disse:

- Eu sou a sua filha! Você não lembra o que você fez? Estou aqui como sua filha, papai. Essa menina se chamava Yapojeneju (a mãe da natureza).

Esses três foram às primeiras pessoas que apareceram no mundo. Depois o criador Kuwamutõ criou mais cinco filhas que se chamam Ejeojunejunau, que foram feitas de madeira. Isso aconteceu em um lugar que se chama Yap<sup>o</sup>nat<sup>o</sup>wo, onde o criador se criou e também criou o povo Wauja, que morava nesse lugar. Depois nasceram mais duas crianças gêmeas que se chamavam Kamo (sol) e Kejo (lua).

Figura 18 - Desenho elaborado por Kaji Waurá (2010).



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Vou contar a história do povo Wauja, como era antes de Kamo (sol) e Kejo (lua) nascerem no mundo. O criador Kuwamutō foi tirar os materiais para fazer armadilha conhecida como kaipi. Ele queria pegar peixe para sua filha, num lugar onde era a aldeia das onças.

Quando ele estava andando e tirando os materiais, encontrou a aldeia das onças. Lá ele encontrou o material mais bonito, ficou muito contente com esse material que conseguiu coletar. Enquanto o criador Kuwamutō estava tirando kaipi, as onças estavam se aproximando sentindo o cheiro dele. Quando a onça percebeu, o chefe das onças pediu para o seu pessoal matá-lo.

- Vamos matá-lo, disse o chefe da aldeia.

Eles foram atrás do criador Kuwamutō e o cercaram.

Figura 19 - Desenho elaborado por Kaji Waurá (2010).



Fonte: Acervo pessoal do autor.

O criador Kuwamutõ disse:

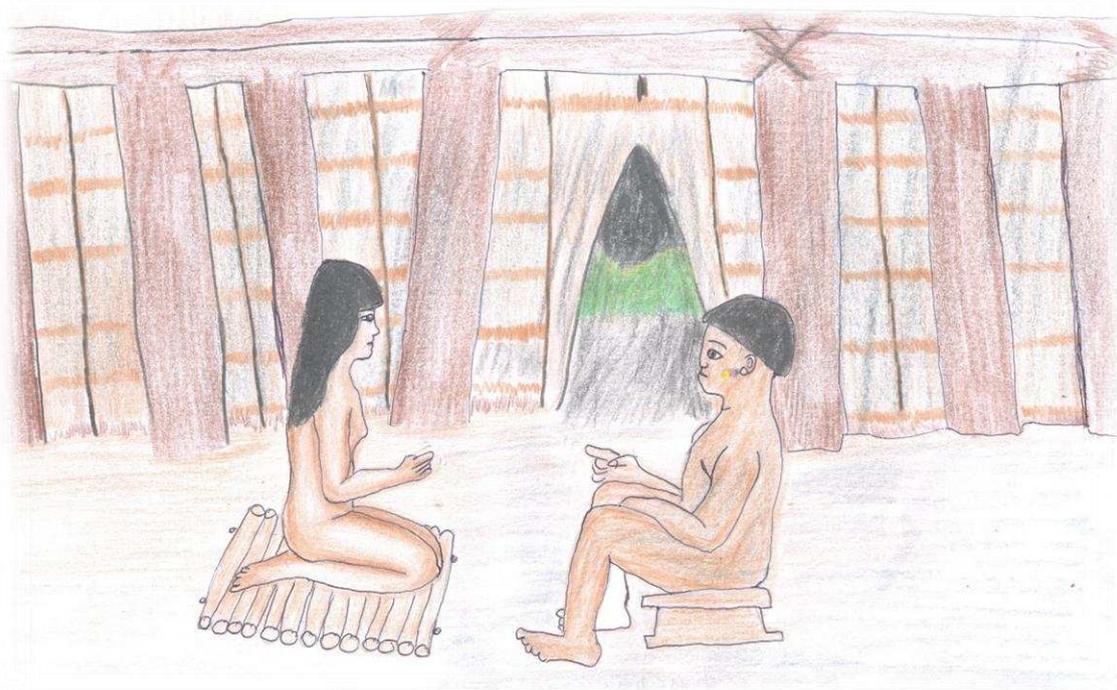
- Não me mate sobrinho, tenho uma filha bonita para casar com você.

O chefe das onças respondeu:

- Está bem meu tio, nós não vamos matar você.

Assim, as onças se retiraram para voltar para a aldeia, o criador Kuwamutõ que escapou do ataque das onças e foi para casa. Quando chegou em casa foi direto falar com sua filha, que se chamava Yapjeneju (mãe da natureza). Foi ela quem o pai ofereceu para a onça.

Figura 20 - Desenho elaborado por Kuchama Waurá (2010).



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Ele chamou para contar o que tinha acontecido com ele e disse para a filha:

- Olhe minha filha, quase que eu morro, a onça queria me matar, por isso ofereci você para se casar com ele.

A filha respondeu:

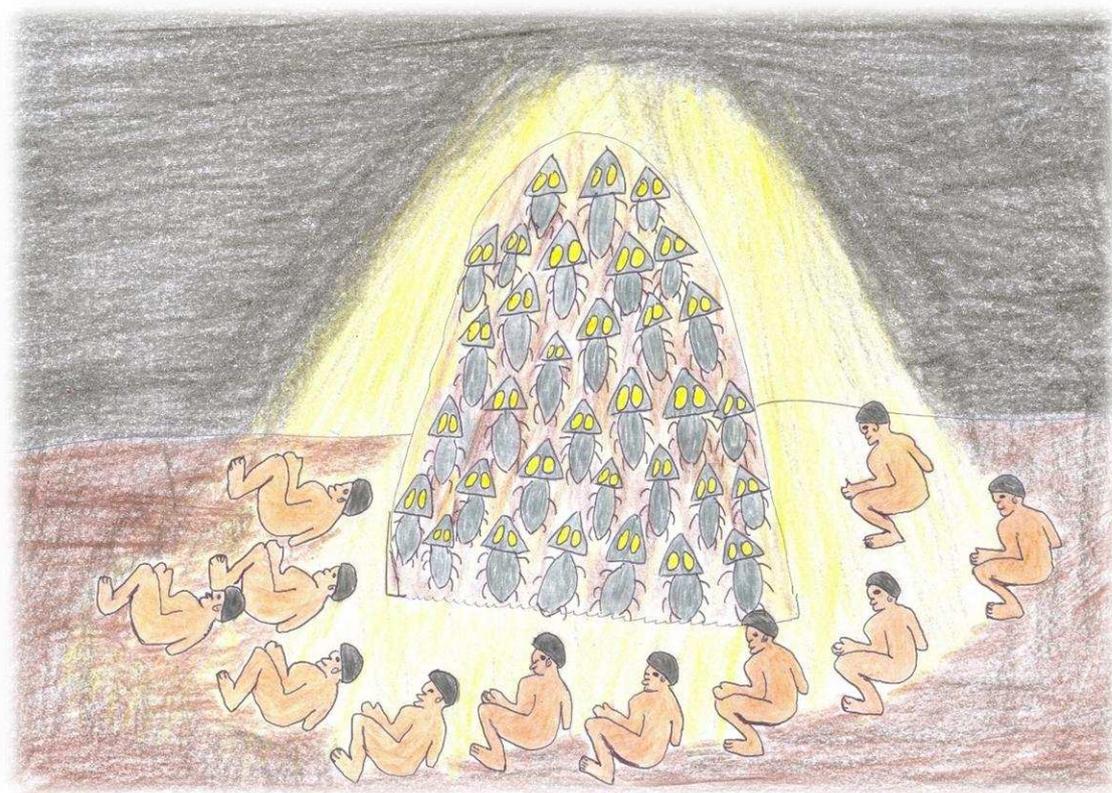
- Eu não quero me casar com o homem onça, a mãe da natureza disse para seu pai.

O criador Kuwamutõ respondeu para a filha:

- Está bem, eu vou pensar o que vou fazer. Então vou oferecer outras das minhas filhas para o homem onça, vou cortar madeira.

Nesse tempo ainda não existia o dia e a noite, só havia escuridão no mundo. Os vaga-lumes iluminavam os lugares, não existia casa para morar, as pessoas viviam na escuridão, sofriam muito, elas se juntavam perto do cupim grande cheio de vaga-lumes. Este era o nosso fogo, elas assavam peixe embaixo do covado, assim eles viveram nesse tempo antes de surgir o dia e a noite.

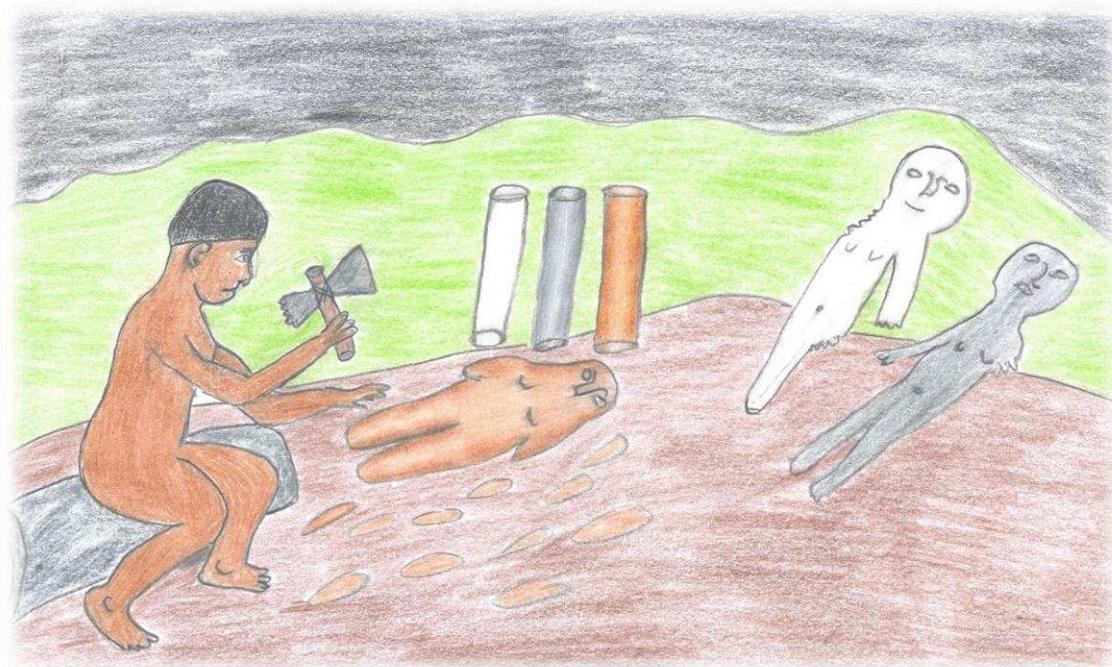
Figura 21 - Desenho elaborado por Kaji Waurá (2010).



Fonte: Acervo pessoal do autor.

O criador Kuwamutō foi, então, fazer as filhas. Ele cortou um tronco de madeira e criou as filhas utilizando as madeiras *Umejo*, *Ixehojokuma*, *Wekitsi*, *Yusemisu*, só que ele não conseguiu fazer com o mesmo tipo de madeira. As madeiras *Umeju*, *Ixehojokuma* e *Wekitsi*, quando ele estava fazendo as filhas ficavam quebrando, quebrando. A única com a qual conseguiu fazer foi com tronco de *Yusemisu*, que ele cortou em quatro pedaços. Esses pedaços de madeira eram compridos, a ponta deles parecia um pescoço de gente.

Figura 22 - Desenho elaborado por Kuchama Waurá (2010).



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Figura 23 - Desenho elaborado por Kuchama Waurá (2010).



Fonte: Acervo pessoal do autor.

O criador Kuwamutõ transformou esses pedaços de madeira até ficarem prontos.

Figura 24 - Desenho elaborado por Kumesiperiru Waurá (2010).



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Ele fez cabeça braços e pernas, colocou bambuzinho para ser a vagina delas. E assim transformou os troncos em mulheres. Depois eles mandaram um pássaro chamado Kamonapuwá para experimentar essas mulheres criadas pelo criador, o pássaro tinha que fazer sexo com elas, que ainda eram virgens. Esse pássaro tirou a virgindade delas, ele transou até gozar e sair esperma do pássaro e delas também.

Depois o pássaro não conseguiu mais voar normalmente, ele ficou muito fraco. O criador Kuwamutõ rezou para Kamonapuwá para ele ficar desse jeito para sempre, e disse-lhe:

- Pode ficar sempre assim mesmo, você não vai mais conseguir voar normalmente.

Figura 25 - Desenho elaborado por Kastrino Mapu Waurá (2010).



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Então cinco pedaços de madeira foram transformados em mulheres para casarem com o homem onça. Quando elas se tornaram mulheres, logo o pai delas mandou-as para a aldeia das onças para elas se casarem com a onça.

Figura 26 - Desenho elaborado por Kumesiperiru Waurá (2010).



Fonte: Acervo pessoal do autor.

No caminho elas encontraram um buritizeiro, uma das moças pediu para as irmãs tirarem a fibra do buriti para fazer um cinto.

Ela disse:

- Vai lá, minha irmã tirar fibras de buriti para fazermos cintos para usarmos quando chegarmos onde o nosso pai está nos mandando.

- Vá você.

- Não vou, vá você.

- Não vou, vá você.

Elas ficaram discutindo até que uma delas respondeu:

- Então eu vou tirar para nós.

Ela resolveu subir no buritizeiro onde fica o talo do buriti.

Enquanto estava subindo, já na metade do tronco, uma das moças que estava embaixo jogou um grupo de mutucas para atacarem a moça que estava

subindo, então ela se jogou de cima do talo do buriti, que estava apontado para cima, entrando em sua vagina. Ela morreu na hora. Por isso, que os frutos do buriti ficam avermelhados na ponta, é por causa do sangue da moça.

Figura 27 - Desenho elaborado por Kuchama Waurá (2010).



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Então elas continuaram andando até encontrar o homem Tatu (ukalu). O homem Tatu estava sem o pênis, tinha deixado em casa, ele disse:

- Eu quero namorar você.

A moça disse-lhe:

- Está bem, vamos namorar.

Então o homem Tatu começou a levantar o pênis dele, mas ele não conseguiu.

Ele disse:

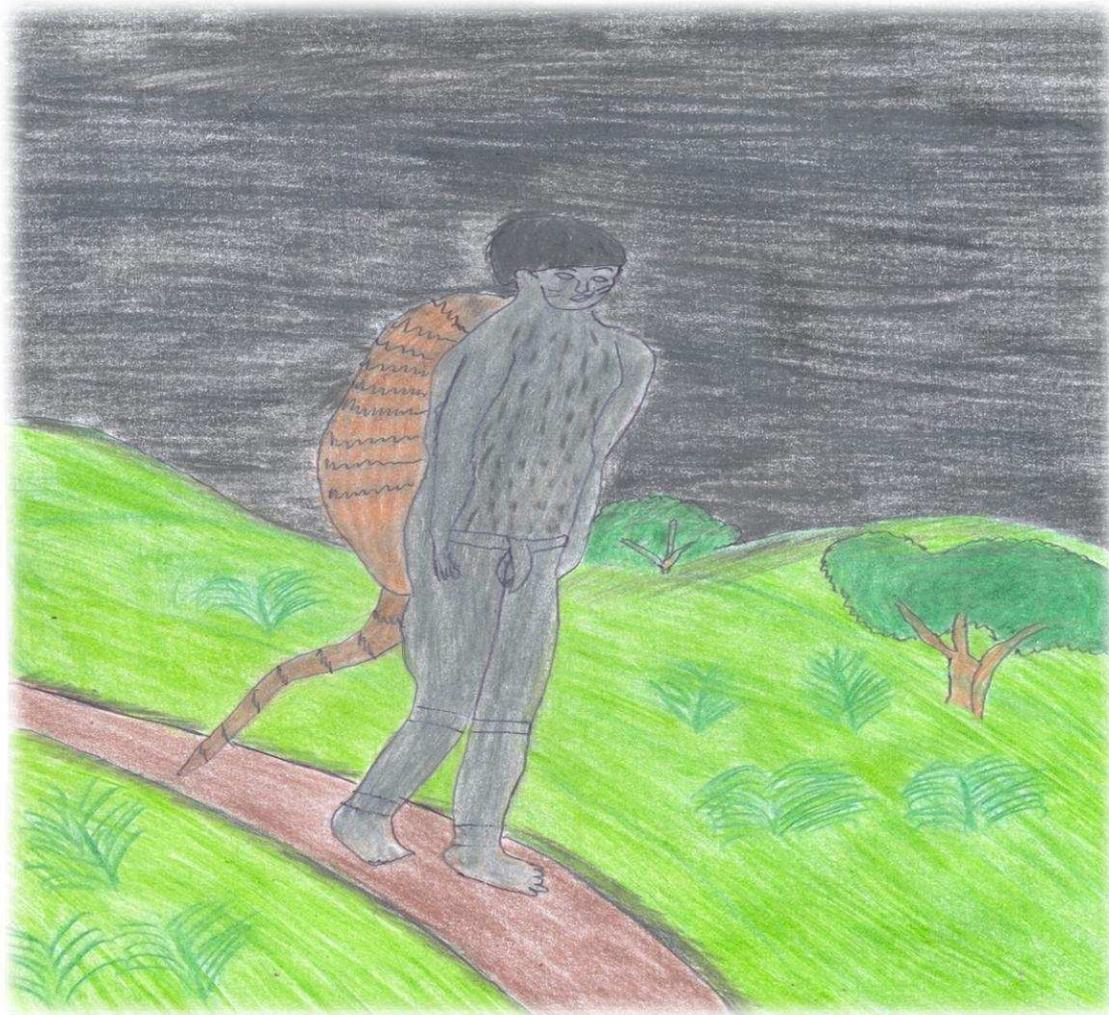
- Vou buscar o meu pênis, moça, você pode me esperar.

As moças responderam:

- Sim, nós vamos esperar você aqui.

Ele voltou para casa em busca do seu pênis, mas as moças não esperaram o homem.

Figura 28 - Desenho elaborado por Kuchama Waurá (2010).



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Quando ele voltou, ficou sem jeito, sem graça, porque ele queria transar com aquelas moças bonitas, eram três moças.

Figura 29 - Desenho elaborado por Kumesiperiru Waurá (2010).



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Então elas continuaram andando no caminho até encontrar o homem cogumelo (Apahú) que tem a cabeça do pênis muito grande. Ele disse para moças:

- Quero namorar vocês.

Uma das moças foi a escolhida.

- Quem vai fazer sexo com ele?

- Não sei.

- Você vai

- Não vou, vai você.

Elas discutiram entre elas, até uma delas aceitar a indicação das irmãs.

- Então eu vou transar com ele.

Ela foi e transou, como não aguentou, morreu na hora.

Figura 30 - Desenho elaborado por Kastrino Mapu Waurá (2010).



Fonte: Acervo pessoal do autor.

As três moças que sobraram continuaram caminhando no caminho das onças, lá elas encontraram o homem Ohokumalu (formiga de mau cheiro) que disse:

- Posso namorar vocês?

As moças disseram:

- Sim, pode.

- Vai você.

Ela transou com o homem Ohokumalu, mas não morreu. O homem Ohokumalu conseguiu transar com a moça, só que o pênis do Ohokumalu era muito fedido, por isso as vaginas das mulheres ficaram com cheiro ruim.

As três moças que sobraram vivas foram andando até encontrar Kapukuwa, a moça com a qual ele transou morreu. As duas moças que sobraram continuaram a andar até chegar ao porto da aldeia das onças. Lá que elas encontraram a moça que feia do mundo, se chama Kutakuta.

Figura 31 - Desenho elaborado por Kuchama Waurá (2010).



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Quando elas estavam no rio, veio banhar uma moça que era parenta da Ema que se chamava Kuta-Kuta. Ela era feia, mas quando se olhou na água, como a beleza das outras moças passou um pouco para ela, ela se achou bonita e falou:

- Oba, eu sou linda, por que os homens e os rapazes não gostam de mim se eu tenho um corpo e um rosto bonito, minhas pernas são muito grossas e estou pintada?

Ficou muito feliz, banhou-se e saiu da água do rio subindo para casa. As duas moças ficaram lá olhando e logo jogaram um grupo de mutucas nela. As mutucas picaram a mulher feia que se chamava Kuta-Kuta. Ela disse:

-Ai! Ai! Ai!

Ela soltou a cabaça que caiu e quebrou, então ela foi buscar outra cabaça e voltou ao rio. Pegou água, mas a cabaça quebrou novamente. Ela voltou para buscar outra cabaça. Quando entrou na casa uma mulher começou a brigar com ela, segurou os cabelos dela e disse:

-Vamos matá-la, arranhá-la, bater nela, ela está acabando com as nossas cabaças.

Quando as outras pessoas também correram atrás de Kuta-Kuta e a seguraram, ela começou a gritar:

-Ai! Vocês não podem fazer isso, por favor, parem com isso, eu vou contar uma coisa que aconteceu comigo lá no porto.

As mulheres a soltaram e ela disse assim:

- Olhem, escutem bem! Lá no porto tem duas moças, elas são muito bonitas. Acho que foram elas que jogaram o grupo de mutucas, por isso estou quebrando as nossas cabaças.

As pessoas se pintaram e foram convidar as duas moças que se chamavam Ejejunau, para irem até a aldeia. Naquele tempo ainda não existia o dia, também os animais conversavam entre eles, só existia a escuridão no mundo.

Figura 32 - Desenho elaborado por Kuchama Waurá (2010).



Fonte: Acervo pessoal do autor.

O homem onça foi o primeiro a buscá-las na beira do rio e disse assim:

- Venham comigo, minhas noivas, foi para mim que seu pai ofereceu vocês, por isso vim busca-lás.

Uma das moças disse para sua irmã:

- Vamos com ele, irmã, ele nos chamou.

- Não, ele não é parecido com a onça.

- Mas ele mesmo disse isso.

Ele repetiu:

- Vamos lá

A moça falou:

- Ele não é parecido com a onça, ele tem dentes grandes.

A onça voltou para aldeia, depois todos os animais querendo casar com elas, mas as moças não mudaram de ideia.

Figura 33 - Desenho elaborado por Kuchama Waurá (2010).



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Até que veio o lobo (wau). Ele foi convidar as duas moças. Chegando até a beira, ficou lá de pé:

- Venham para cá! Minhas noivas!

Uma delas disse para a irmã:

- É ele mesmo.

- Não é ele.

- Vamos lá, irmã.

- Está bem, vamos lá.

Então elas se levantaram, pegaram na mão do lobo e foram até a aldeia. Quando o pessoal da aldeia viu o lobo com as moças, começaram a gritar para ele. Uma das moças disse para sua irmã:

- Olhe, ele não é a onça!

Mesmo assim elas foram para a casa do lobo. Quando chegaram à casa do lobo, ele pegou uma fruta chamada Yalatapa para as moças socarem como se fosse uma massa de mandioca. O lobo sempre socava isso para se alimentar. As moças socaram a massa e quando terminaram, o lobo foi avisar o pessoal para pescarem para as mulheres da aldeia e disse:

- Oh rapaziada, nós vamos pescar para as mulheres!

Mas o pessoal não respondeu para o lobo porque não gostavam dele.

Figura 34 - Desenho elaborado por Kuchama Waurá (2010).



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Para ele, nós somos peixes e alimentam-se com a gente, por isso elas não gostaram da proposta do lobo de comer só fruta. Depois do lobo, a onça foi ao centro dizer para seu pessoal:

- Olhe pessoal! Nós vamos pescar hoje para as mulheres.

- Oba, oba! Vamos pescar para nós comermos a cabeça.

Todos foram na pescaria em grupo, quando todos tinham ido embora, a onça foi atrás lançando a sua flecha até encontrar o seu pessoal no meio do caminho.

Figura 35 - Desenho elaborado por Kuchama Waurá (2010).



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Durante a caminhada sentiu dor nos olhos, ao encontrar as pessoas a onça disse:

- Oi pessoal! Estou sentido alguma coisa nos meus olhos.

As pessoas responderam:

- Você não pode ir com a gente, nós vamos matar peixes para você. Volte para aldeia e fique em paz.

O lobo estava preocupado com as moças, porque a onça podia roubá-las e disse para onça:

- Não! Vamos lá, o pajé veio pescar com a gente.

Ele respondeu:

- Eu não vou senhor lobo, pois estou muito doente, vou sofrer lá com vocês, não estou bem.

O pessoal da onça disse:

- Não venha, volte para a aldeia chefe, você está muito mal, os olhos estão inchados senhor.

- Está bem pessoal, vou voltar para a aldeia.

A onça voltou para casa e foi lançando a flecha para a frente, até chegar perto da aldeia, perto da casa das moças, pois queria roubá-las. Lançou uma flecha perto das moças para elas se entregarem para ele. O homem onça disse assim:

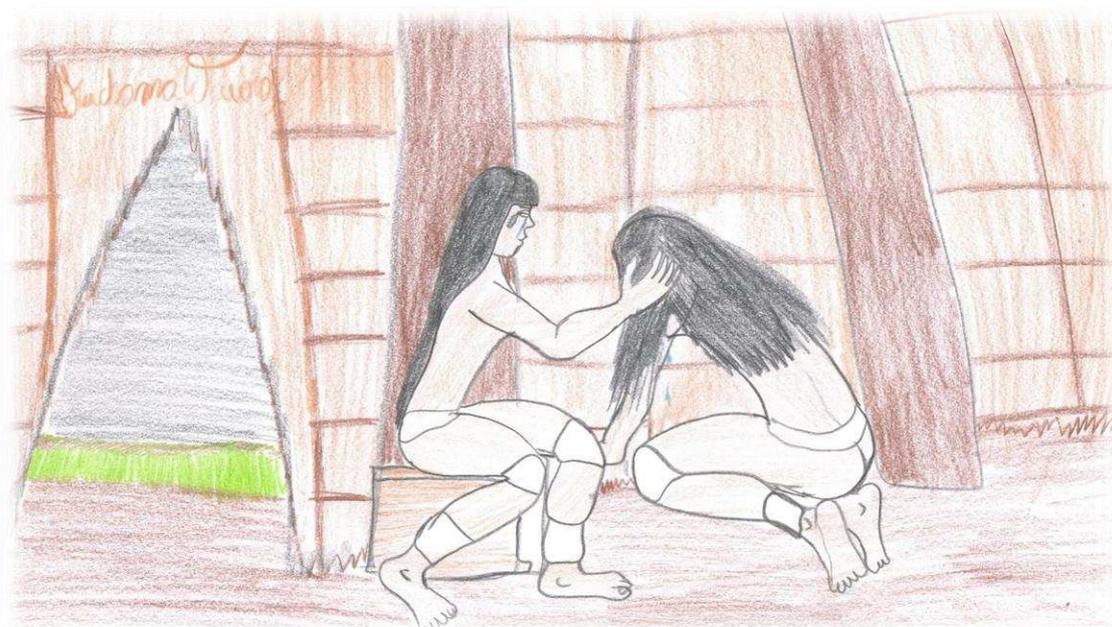
- Venham para cá, por favor, tragam minha flecha, minhas queridas.

Uma das moças disse para a irmã:

- Vamos lá, irmã, entregar a flecha para ele.

Elas se levantaram, pegaram as flechas e foram até a onça em sua casa. Ele arranjou massa de polvilho para as moças fazerem mingau e beiju para o pessoal dele comer quando chegassem da pescaria. Quando elas terminaram de preparar a comida, as pessoas que foram pescar chegaram, trazendo muitas crianças e jovens mortos para se alimentarem.

Figura 36 - Desenho elaborado por Kuchama Waurá (2010).



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Quando os pescadores chegaram em casa, a onça assou um pedaço de braço de criança e ofereceu para as moças comerem. Elas não gostaram de ver essa criança morta, sentiram saudades e tristeza, começaram a chorar e ficaram muito tristes por causa das mortes. Então pegaram a mão de uma criança morta e fizeram desenhos, por isso nossa mão tem marcas desenhadas na palma até hoje.

As moças disseram para o marido:

- Nós queremos comer peixe assado, essa carne nós não podemos comer, é o corpo de nossa família.

Figura 37 - Desenho elaborado por Meixulã Waurá (2010).



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Assim a onça foi pescar para as moças, por isso que até hoje as onças comem peixes. As moças adoravam comer os peixes que se chama kuwa (curimbatá).

Elas ficaram muito tempo vivendo com a onça, foi assim que ela engravidou uma das moças, a irmã mais velha. Dessa união nasceram duas crianças gêmeas que cresceram na barriga da mãe.

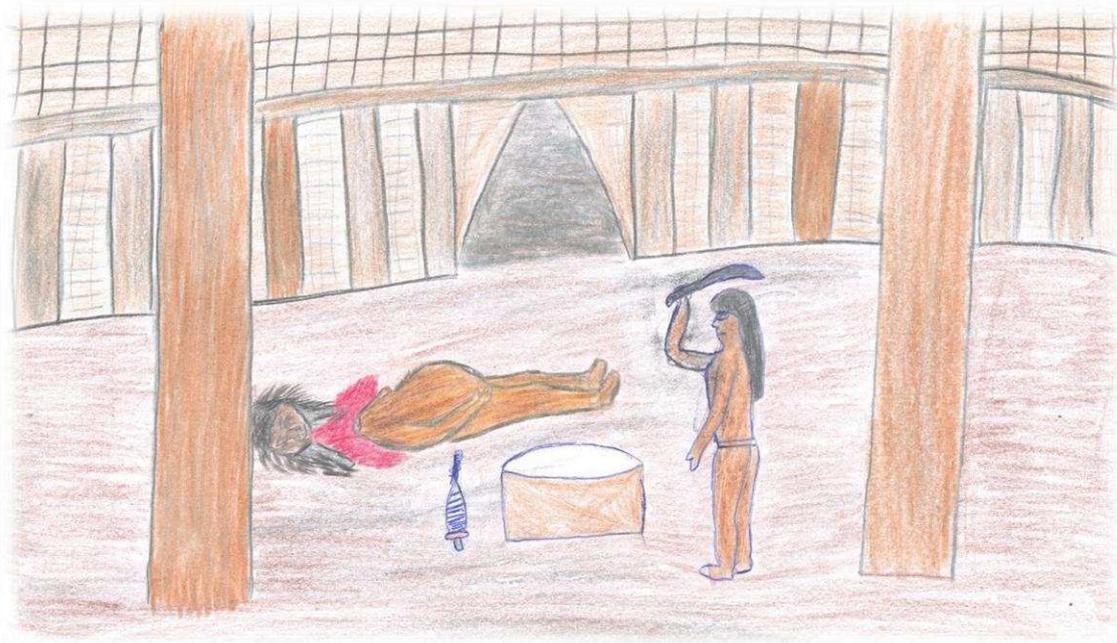
Figura 38 - Desenho elaborado por Akaimdtsary Waurá (2010).



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Quando estava quase chegando o tempo dos bebês nascerem, a sogra foi varrer a casa do filho, seu nome era Periru. Ela era uma mulher que peidava muito e enfrentava suas noras que ficavam sempre na porta da casa fiando algodão para fazer rede para seu marido, o homem onça. Quando o algodão não fiava bem fiado, a nora que estava grávida tirava algodão da boca e começava a cuspir, a sogra chegou perto e esfaqueou-a no pescoço achando que ela estava cuspiendo com nojo dela. A moça foi assassinada pela sogra, ela morreu com as duas crianças gêmeas na barriga.

Figura 39 - Desenho elaborado por Kumesiperiru Waurá (2010).



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Nessa hora, o Kuwamutõ e onça mandaram uma formiga que se chamava Mẽitsukuto para ver as crianças na barriga da mãe, que acabou esfaqueada no pescoço. A formiga vermelhinha entrou pela vagina da moça e viu as duas crianças gêmeas. A formiga voltou pelo ânus, mas o Kuwamutõ e a onça não aceitaram e mandou a formiga voltar pelo mesmo caminho. Ela disse para o homem:

- Onça, pode pegar as crianças.

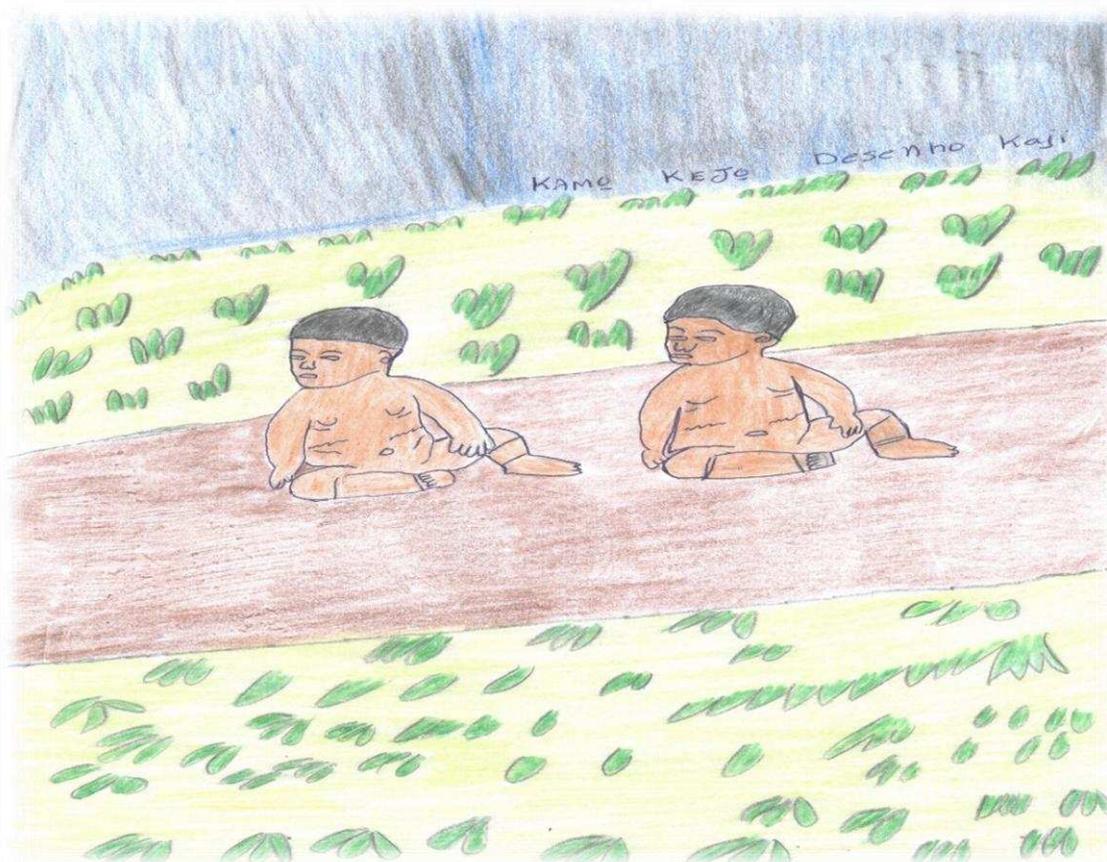
Figura 40 - Desenho elaborado por Kagapakumalu Waurá (2010).



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Kuwamutõ resolveu cortar a barriga da sua filha e tirou-as, primeiro tirou Kamo (sol) depois ele tirou o irmão que se chama Kejo (lua). Ao final, ele enterrou a mãe deles.

Figura 41 - Desenho elaborado por Kaji Waurá (2010).



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Quando essas duas crianças gêmeas cresceram e já estavam com quatro anos, perceberam que junto com elas nasceram o dia e a noite no mundo. No dia seguinte, eles foram comer amendoim com outra pessoa que se chamava Kuyekuyejuto. Então, os dois irmãos gêmeos foram lá no jardim do avô deles e ficaram um pouco, lá escutaram um canto de pássaro cantando para eles:

- Kuyekuyejuto, os meninos sem mãe estão comendo o meu amendoim. Esse pássaro cantou várias vezes para eles, até descobrir o que o pássaro estava cantando. Na verdade, esse pássaro estava avisando os dois que ele não tinha mãe, assim que eles descobriram a fala do pássaro, as duas crianças ficaram escutando. O sol perguntou para a lua:

- O que o pássaro disse?

A lua ouviu e contou para o sol.

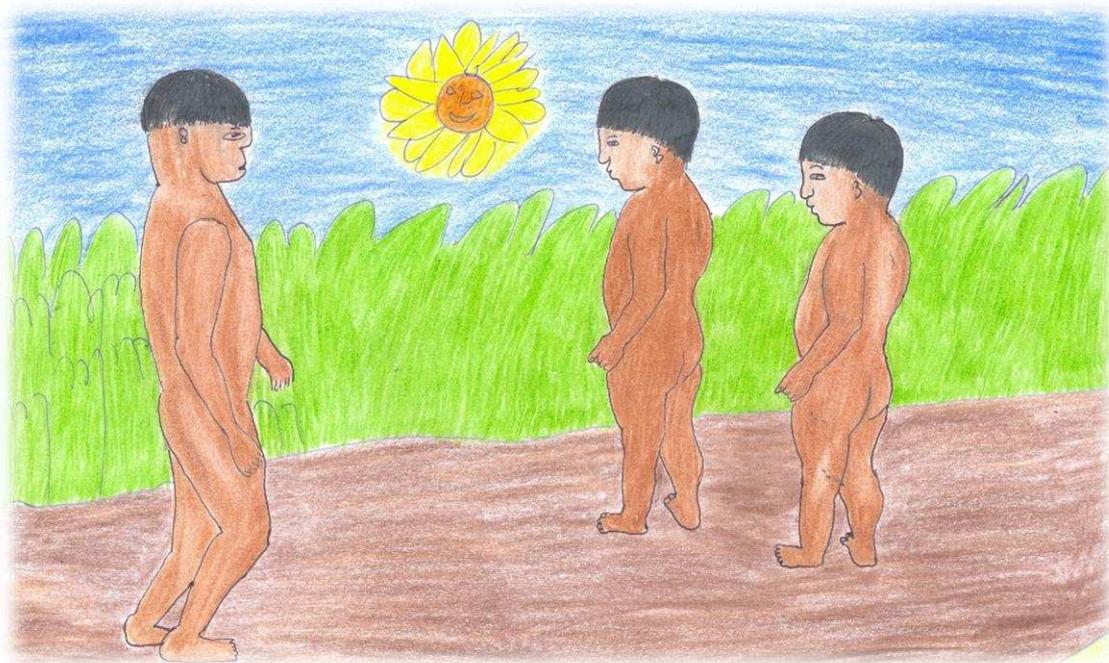
- Os meninos sem mãe estão comendo o meu amendoim.

O sol perguntou:

- Será que nós somos os meninos que não tem mais mãe.
- Não sei, respondeu o irmão lua.

Eles se levantaram e correram em direção ao pássaro para pegá-lo para matar, mas não conseguiram.

Figura 42 - Desenho elaborado por Kaji e Yalau Waurá (2010).



Fonte: Acervo pessoal do autor.

O pássaro deu uma dica e gritou:

- Não me matem! Vou contar quem matou a mãe de vocês!

Então, o pássaro disse:

- Vocês não têm mãe, há muito tempo que ela morreu, aquela que criou vocês é irmã de sua mãe. Ela foi enterrada lá no meio da aldeia, há muito tempo, aquela que matou sua mãe está lá na aldeia, ela tem medo de vocês.

Os meninos ficaram pensativos e responderam:

- Está bem, nós não vamos matar você, mas queremos que você nos mostre o local onde ela foi enterrada.

- Está bem meus netos, estou falando a verdade para vocês, então, vamos lá.

Eles foram andando e contando o que tinha acontecido com a mãe deles até chegar ao lugar em que Periru se escondeu. O local estava cheio de abacaxi,

espinhos, marimbondo, cobra, formiga, aranha e tudo que pudesse machucar os pés das pessoas que se atrevessem ir ali. Isso tudo era para ninguém entrar na casa dela, porque estava com medo dos gêmeos que foram criados pela irmã de sua mãe. Eles agradeceram o pássaro e voltaram para casa. Quando chegaram, sentaram-se num canto na porta da casa. Eles ficaram muito tristes chorando por causa da mãe. A irmã da mãe cuidava deles, depois de algum tempo, perguntou:

- Por que vocês estão chorando?

Kamo respondeu para ela:

- Estamos tristes por causa da nossa mãe.

- É verdade, há muito tempo a mãe de vocês morreu e foi enterrada no meio da aldeia.

Eles foram até o túmulo da mãe, ficaram chorando e falando até que ela os respondeu:

Os gêmeos ficaram surpresos. E gritaram:

- Oi, mamãe!

- Oi, filhos!

Foi alegria total: uma voz sobrenatural e outras reais.

- Oi, mamãe!

- Oi, filhos!

Eles ficaram conversando com a mãe até que a cabeça dela apareceu no chão. O avô Kuwautõ disse para eles:

- Não façam isso! Ela faleceu há muito tempo, parem com isso!

Se o avô não tivesse falado isso para o Sol e o Lua, nós poderíamos ressuscitar.

Depois a avó e irmã da mãe dele foram chamá-los. Quando o avô deles foi chegando perto deles, o Sol pisou em cima da cabeça da mãe para voltar para o túmulo dela e ficar lá para sempre. Por isso, que nós morremos e não voltamos mais.

Figura 43 - Desenho elaborado por Kumesiperiru Waurá (2010).



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Com o tempo eles cresceram e, ao completar 15 anos, Kamo pensou em fazer coisas. Ele pediu para o avô fazer flecha. Kamo e Kejo pediram as flechas ao seu avô Kuwamutō, que começou a fazer milhares de flechas. Eles diziam para o seu avô que iriam caçar os pássaros todos os dias. Só que o avô sabia que alguma coisa iria acontecer.

Figura 44 - Desenho elaborado por Kuchama Waurá (2010).



Fonte: Acervo pessoal do autor.

As flechas foram transformadas em muitas pessoas.

Kamo fez milhares de flechas e após rezar elas se transformaram em pessoas. Os povos Wauja, Mehinako, Yawalapiti, Matipu, Kalapalo, Kuikuro, Nafukua, Kamaiurá e Aweti são flechas que se chamam Ukútawana; esses são povos que vivem no Alto do Xingu.

E os povos que vivem no Médio e Baixo Xingu são feitos de flechas que nós chamamos de Yetuto (bambuzinho). Os povos brancos estrangeiros foram feitos de flechas de madeira, que nós chamamos Tojomato.

Os povos que moram lá no Baixo Xingu que se chamam Txucarramãe (Kaiapó) foram feitos de flechas de Ulawato (taquarinha) preta; por esse motivo eles são muito brancos.

Kamo fez arma de fogo e ofereceu primeiro para os índios, mas eles não quiseram pegar essas armas. Com a recusa dos índios, Kamo ofereceu para os brancos, que sabiam usá-las. Se nossos antepassados soubessem usar as armas, nós mesmos ficaríamos com elas.

Kamo pensou de novo em fazer o dia, para as pessoas que ele criou no mundo sobrevivessem em paz. Primeiro ele amarró um pássaro chamado Awajatalu (urubu). De repente, ralaram a cabeça do Awajatalu. Ele não conseguiu fazer aparecer o dia. Então, ele amarró um pássaro que se chama Ujujaya da mesma forma que fez com o urubu, também não apareceu o dia. Depois ele amarró uma ararinha chamada Kaokao. Quando ele ralou a cabeça dela na pedra, apareceu um pouco o alvorecer. Nesse momento, aqueles que viviam na escuridão que se chamavam Iyerupoho e estavam acostumados a viverem na escuridão do mundo se transformaram em bichos, em espíritos. Por isso, existem os espíritos da água e do mato. Foi então que o espírito dono do jatobá se transformou no homem do mato e a mulher do mato (rainha da selva).

Elas não aguentaram viver na claridade do dia como vivemos hoje.

Figura 45 - Desenho elaborado por Kaji Waurá (2010).



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Finalmente, Kamo amarrou um urubu-rei e ralou a cabeça dele na pedra e o dia apareceu como é até hoje, divididos em dia e noite. Quando Kamo terminou de raspar a cabeça do urubu-rei, apareceu o dia e começou a nascer a claridade, mas ainda estava muito quente. O céu ficou dividido em três camadas; por isso podemos aguentar o calor.

Nesse tempo, o sol nascia ao Norte e se punha ao Sul. Do Norte para o Sul, o sol demorava muito tempo para se pôr; um dia demorava o que hoje equivale a quatro dias para transcorrer devido à demora. De manhã, às nove horas acontecia o tempo da seca e da chuva, entre dez e doze horas outro tempo de seca e da chuva. Entre treze e quinze horas mais um tempo de seca e de chuva, entre dezesseis e dezoito horas tempo de seca e chuva.

Nesse tempo, as pessoas ficavam com fome e sede, não tinham comida para se alimentarem, não tinham produção de mandioca. As plantas não existiam porque o calor era intenso não diminuía, era constante o dia todo.

Figura 46 - Desenho elaborado por Kastrino Mapu Waurá (2010).



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Quando anoitecia, a noite tinha a mesma duração de tempo do dia, levava quatro dias. Os dois rapazes não gostaram do trabalho deles, o mundo não podia ficar desse jeito demorado. Então, Kejo e Kamo resolveram pensar de outra forma e disseram:

- Vamos mudar de lugar, o sol pode nascer desse lado – e apontaram para o Leste. Assim, o sol começou a nascer no Leste e passou a se pôr no Oeste. Eles gostaram e resolveram deixar desse jeito que existe até nos tempos atuais. Assim, o Sol ficou nesse lugar mesmo, nascendo do Leste para o Oeste.

A Lua ficou clareando durante o período noturno e o Sol ficou clareando durante o dia. Era isso que os gêmeos queriam fazer, que ficasse para sempre o dia e a noite, para nós vivermos em paz. Assim, o povo Wauja passou a existir na TIX e são os velhos que nos contam essa história.

## Parte 5

### Mitologia Arakuni e Kamayulalu<sup>9</sup>

Eu vou contar a história de como surgiu a arte técnica da matemática para confeccionar o cesto Wauja.

Há muitos anos, dois jovens que se gostavam começaram a namorar. O problema é que eles eram irmãos. Ambos moravam na aldeia Yaponatowono do povo Wauja. O rapaz se chamava Arakuni; sua irmã se chamava Kamayulalu.

Figura 47 - Desenho elaborado por Kuchama Waurá (2016).



Fonte: Acervo pessoal do autor.

---

<sup>9</sup> Esta parte da dissertação foi escrita pelo autor a partir dos mitos contados pelo pajé Awatapaku Waurá. Sobre a cosmogonia e a cultura material dos Wauja, os trabalhos de Aristóteles Barcelos Neto (1999; 2004; 2012), Ireland (2001), Mello (1999; 2005; 2012a; 2012b), Piedade (2004), Silva (2008) Villas Bôas e Villas Bôas (1974) apresentam relevantes análises que auxiliaram no desenvolvimento deste estudo. Nesta dissertação, os mitos contados entre nossos irmãos ou registrados nas referidas produções foram ressignificados pelo autor, que acrescentou desenhos elaborados por integrantes do povo Wauja com a intenção de apresentar outras interpretações e linguagens.

Quando desceu a menstruação da irmã Kamayulalu, ela ficou reclusa por um ano, para marcar a puberdade.

Ainda antes de terminar o período de reclusão, Arakuni entrou quarto de sua irmã e percebeu que ela tinha alcançado a faixa de idade em que as meninas podem namorar. Arakuni pensou em namorar Kamayulalu e perguntou se ela aceitava. Ela respondeu que sim. Ela também gostou dele, por isso, aceitou o pedido do seu irmão.

Figura 48 - Desenho elaborado por Kuchama Waurá (2016).



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Nem o pai e nem a mãe deles sabiam, mas Arakuni e Kamayulalu começaram a relação ainda no tempo da reclusão da menina.

Um dia, a mãe resolveu ir para a roça e quando retornou para casa chamou Kamayulalu para ajudar a descarregar o cesto. Ao entrar na casa, a mãe viu marcas da pintura de Arakuni no corpo de Kamayulalu.

Figura 49 - Desenho elaborado por Kuchama Waurá (2016).



Fonte: Acervo pessoal do autor.

A mãe estranhou e desconfiou do seu filho. Ela perguntou a sua filha:

- Quem está namorando com você?

Kamayulalu respondeu:

- É seu filho Arakuni que está namorando comigo.

A mãe não gostou, ficou muito brava com a situação e chamou Arakuni para conversar. Quando Arakuni atendeu o chamado, ele perguntou a mãe:

- O que foi, mãe?

Ela falou para ele:

- Você está namorando com sua irmã?

Arakuni não respondeu para a mãe.

A mãe ficou muito brava com ele, o expulsou da sua casa e jogou a rede dele para fora. Além dos xingamentos, ela disse para Arakuni que nunca mais iria considera-lo como seu filho.

Após ser expulso da casa, Arakuni foi para o centro da aldeia e o primo dele perguntou:

- O que aconteceu com você?

Ele respondeu:

- Minha mãe me expulsou da casa dela porque a minha irmã tem a marca da minha pintura no corpo dela. Por isso, minha mãe jogou as minhas coisas para fora de casa.

O primo ficou muito preocupado com Arakuni e disse para ele ficar em sua casa. Arakuni agradeceu o primo e aceitou a oferta. O seu primo se chamava Kajujuto Īxu, o primo que acompanhou a furação de orelha.

Quando anoiteceu, Arakuni e o primo foram buscar as coisas dele na casa da mãe. Eles pegaram as coisas dele e levaram para a casa do primo. Arakuni ficou muito triste, mas o primo falou para que não podia ficar triste tão triste daquela forma:

- É assim mesmo, primo.

Figura 50 - Wíxato.



Fonte: Registrado por Kaji Waurá (2016).

No dia seguinte, Arakuni resolveu caçar e procurar materiais para sua transformação. Ele foi no mato e encontrou o material chamado wíxato (bambuzinho). Com esse material, resolveu fazer uma capa para ele.

Arakuni trabalhou uma semana para se transformar numa enorme cobra. Sua intenção era ir embora para o mar.

Figura 51 - Desenho elaborado por Kaji Waurá (2016).



Fonte: Acervo pessoal do autor.

No último dia de trabalho, Arakuni convidou o primo para acompanhá-lo até o local onde estava fazendo sua roupa. Eles foram mato adentro e, no meio do caminho, Arakuni falou para seu primo:

- Você não pode ficar com medo de mim depois, eu vou embora para o mar, por causa da minha irmã.

Kajujutõ Ìxu respondeu:

- Puxa! O que é isso primo? O que você está falando?

Arakuni não deu maiores informações:

- Nada não, depois você vai ver! Vamos caminhando.

Arakuni foi conversando muito com o seu primo sobre o material que ele usou para fazer a sua roupa, até chegar ao local. Quando eles chegaram, Arakuni falou para Kajujutō Īxu:

- Quando eu chegar no lugar certo, você vai ouvir uma explosão do céu. O barulho vai balançar a terra. Só que você não pode ter medo de mim, quando eu me transformar numa cobra.

Kajujutō Īxu disse que estava tudo bem.

Arakuni pediu para seu primo esperar na casa dos homens, pediu para acender o fogo para ele e falou que iria voltar na chuva. Arakuni começou a entrar na capa e começou a cantar para se transformar numa cobra grande. Também ele começa a criar a canção do Kwarup. Quando as pessoas morrem a família pode fazer a Kwarup em sua memória, para finalizar o luto das famílias. Assim cantou Arakuni:

Hú hó, hú hó (2 vezes)

Hó, hó, hó, hó (2 vezes)

Ehéhé

Yunupépené natú ayahahú

Yunupépené natú ayahahú

Nuwírí ɔnakuwá ayahahú

Nuyaná ɔnakuwá ayahahú

Arakuni repetiu muitas vezes esta canção. Depois, a capa dele começou a se transformar numa cobra grande.

Quando isso aconteceu, Kajujutō Īxu foi embora para levar a mensagem aos pais de Arakuni. Ele gritou de longe, pediu a todos familiares se aproximarem para ver Arakuni indo embora para o mar. Nesse momento, todo mundo gritou quando ouviu a cantoria dele.

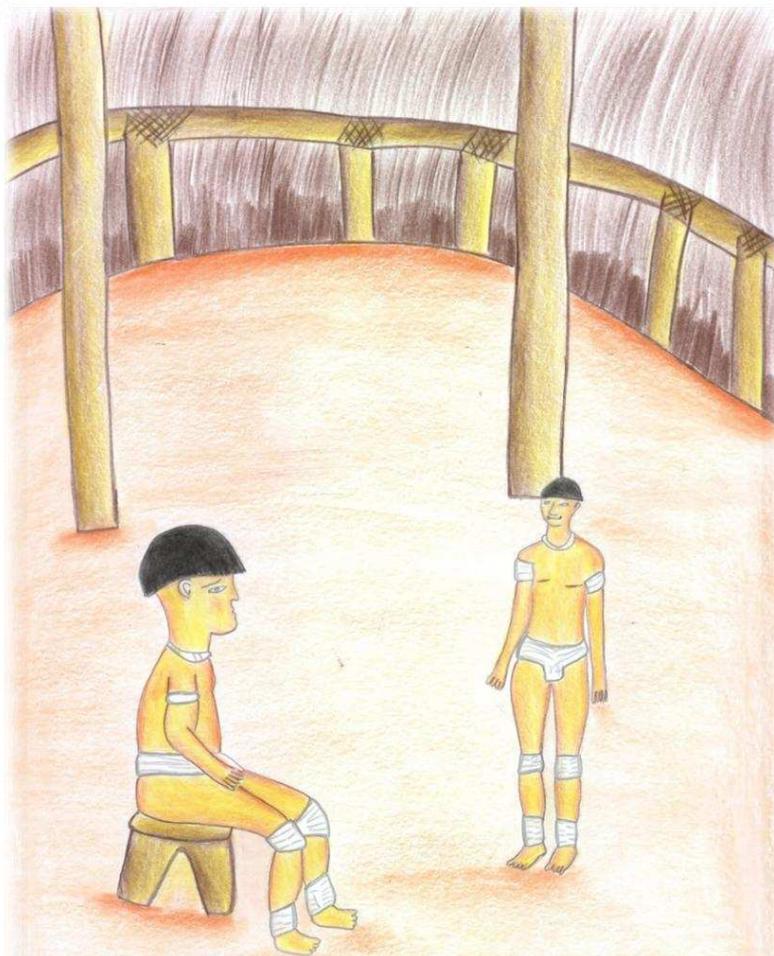
A canção que Arakuni criou ficou sendo também a canção do Kwarup. As pinturas que Arakuni criou para fazer as suas roupas de virar a grande cobra são as pinturas geométricas usadas nos cestos e as pinturas corporais do mundo. Por isso que existem vários de tipos de matemática e geometria para a cultura do povo Wauja e do mundo.

A mãe e o pai de Arakuni pediram para o povo da aldeia construir uma cerca para ele não passar, mas ele usou uma fibra de buriti bem resistente para cortar tudo o que tinha no caminho. Assim, o povo não conseguiu barrar Arakuni e ele foi embora. No caminho, Arakuni tentou afundar em alguns lugares, mas ele não conseguia. Sem sucesso, continuou seu caminho até chegar ao mar.

Ao chegar no mar, ele afundou e passou a morar lá. Quando Arakuni afundou no mar, um grande barulho foi ouvido e a terra do mundo inteiro tremeu. Até Kajujuto Īxu ouviu o barulho, e logo começou a chorar por ele. No outro dia, Arakuni resolveu voltar para se despedir de seu primo.

Anoiteceu e o primo resolveu sair da casa para esperar a chegada dele. Às 18 horas, o temporal chegou. Choveu tanto que ninguém podia andar no centro da aldeia. Kajujuto Īxu ficou sozinho na casa dos homens para esperar Arakuni.

Figura 52 - Desenho elaborado por Kuchama Waurá (2016).



Fonte: Acervo pessoal do autor.

Quando estava chovendo bastante, Arakuni apareceu na casa dos homens para seu primo. Eles conversaram e Arakuni presenteou Kajujutõ Ìxu. Em seguida, Arakuni falou:

- Eu vou embora porque eu achei um lugar para morar e nunca mais vou voltar aqui.

Ele desapareceu de repente e foi embora. Kajujutõ Ìxu ficou muito triste por ele e saiu do lugar lamentando. E assim finaliza a história do surgimento da matemática da cestaria do povo Wauja. Por isso que o meu povo Wauja sabe as regras das festas e da confecção de cestaria, as pinturas corporais etc.

## Considerações finais

As narrativas dos anciões e das anciãs afirmam que nosso povo Wauja sempre viveu na região do Alto, do Médio e do Baixo do Xingu, onde eram encontrados outros grupos. Também são legítimos habitantes dessa região os nossos vizinhos da família tronco linguístico Aruak: etnias Makulukū, Pejekū, Turí, Kutanapu, Iyehonaku, Yawalapoho. Somente Makaojo era Karib. Os demais moravam todos longe do Xingu, só que quatro grupos foram extintos: Makulukū, Pejekū, Turí e Kutanapu. Makaojo (Bakairi) deixou o Xingu, por motivo da briga do grupo Ikpeng (Txicão).

Kamo e Kejo organizaram as pessoas por todo o mundo e mandaram o povo Wauja ficar no Alto Xingu. Eles mandaram o povo Wauja morar na aldeia antiga que se chama Munupiyá. Depois nosso povo foi morar na aldeia antiga do Kuwamutō, que se chama Yaponatowo, nomeada pelo próprio Kuwamutō, avô de Kamo e Kejo.

Há muito tempo o povo Wauja morou na aldeia Yaponatowo, que fica na cabeceira da lagoa Piyulaga, onde não mora mais ninguém. Devido ao acesso difícil e aos ataques de outro povo, os Wauja abandonaram a sua aldeia sagrada. Mesmo assim, nós visitamos esses lugares de vez em quando, porque lá encontramos bastante matéria-prima para confeccionar bens. Nessa região existem várias aldeias da época antiga: Munupiyá, Yutápoho, Tsariwapohogou, Ohokumauto, Kamáyuto, Majupauto, Enutsixauto, Awápunuto, Makukupoho, Hejetopoho, Munupoho, Tulupiyá, Yaponatowo, Yetowaká, Sapalakúpoho, Apiyawakupoho, Yapixūwī, Měitsiwi, Ukúpoho. Todas as aldeias e o lugar sagrado foram lugares onde o povo Wauja viveu.

## Referências

AMARO, Fernanda Ribeiro. **A Viagem como produção da diferença: deslocamento e territorialidade entre o povo Wauja, Alto Xingu.** 2020. 229 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Departamento de Antropologia, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2020.

AWETI, Akatua et al. **Memórias de tempos antigos: livro de mitos de povos indígenas do Xingu.** São Paulo: ATIX; ISA, 2005.

BARCELOS NETO, Aristóteles. **Apapaatai: rituais de máscaras no Alto Xingu.** 2004. 329 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Departamento de Antropologia, Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

BARCELOS NETO, Aristóteles. **Arte, estética e cosmologia entre os índios Waurá da Amazônia Meridional.** 1999. 236 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Departamento de Antropologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1999.

BARCELOS NETO, Aristóteles. A serpente de corpo repleto de canções: um tema amazônico sobre a arte do trançado. **Revista de Antropologia**, São Paulo, Brasil, v. 54, n. 2, 2012a. DOI: 10.11606/2179-0892.ra.2011.39653. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/ra/article/view/39653>. Acesso em: 4 abr. 2025.

BARCELOS NETO, Aristóteles. Objetos de poder, pessoas de prestígio: a temporalidade biográfica dos rituais xinguanos e a cosmopolítica Wauja. **Mundo Amazônico**, [S. l.], v. 3, p. 71-94, 2012. Disponível em: <https://revistas.unal.edu.co/index.php/imanimundo/article/view/28094>. Acesso em: 4 abr. 2025.

BRASIL. **Atlas Geográfico Escolar.** Brasília: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), 2025. Disponível em: <https://atlasescolar.ibge.gov.br/>. Acesso em: 1 maio 2025.

FACTUM FOUNDATION. **The sacred cave of Kamukuwaká: the preservation of indigenous cultures in Brazil. A gruta sagrada de Kamukuwaká: a preservação de culturas indígenas no Brasil.** Madrid, Espanha: Factum Foundation, 2019.

IRELAND, Emilienne. Noções Waurá de humanidade e identidade cultural. In: FRANCHETTO, Bruna; HECKENBERGER, Michael (orgs.). **Os povos do Alto Xingu: história e cultura.** Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001. p. 249-286.

INSTITUTO SOCIOAMBIENTAL (ISA). **Almanaque Socioambiental Parque Indígena do Xingu: 50 anos.** São Paulo: Instituto Socioambiental, 2011.

MELLO, Maria Ignez Cruz. **Iamurikuma**: música, mito e ritual entre os Wauja do Alto Xingu. 2005. 335 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Departamento de Antropologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2005.

MELLO, Maria Ignez Cruz. **Música e mito entre os Wauja do Alto Xingu**. 1999. 214 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Departamento de Antropologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1999.

PIEIDADE, Acácio Tadeu de Camargo. **O canto do Kawoká**: música, cosmologia e filosofia entre os Wauja do Alto Xingu. 2004. 254 f. Tese (Doutorado em Antropologia Social) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social, Departamento de Antropologia, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

POSTIGO, Adriana Viana. **Língua Wauja (Arawák)**: uma descrição fonológica e morfosintática. 2014. 244 f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Programa de Pós-Graduação da Faculdade de Ciências e Letras (Campus de Araraquara), Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Araraquara, 2014.

SILVA, Maria Isabel Cardozo da. **Cosmologia, perspectivismo e agência social na arte ameríndia**: estudo de três casos etnográficos. 2008. 179 f. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, 2008.

VILLAS BÔAS, Orlando; VILLAS BÔAS, Claudio. **Xingu**: os índios, seus mitos. 3. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1974.

WAURÁ, Autaki. Trajetória e experiência de vida acadêmica wauja: Wajua's trajectory and experience of academic life. **Revista Desenvolvimento Social**, [S. l.], v. 28, n. 2, p. 50-78, 2022. DOI: 10.46551/issn2179-6807v28n2p50-78. Disponível em: <https://www.periodicos.unimontes.br/index.php/rds/article/view/6118>. Acesso em: 4 abr. 2025.